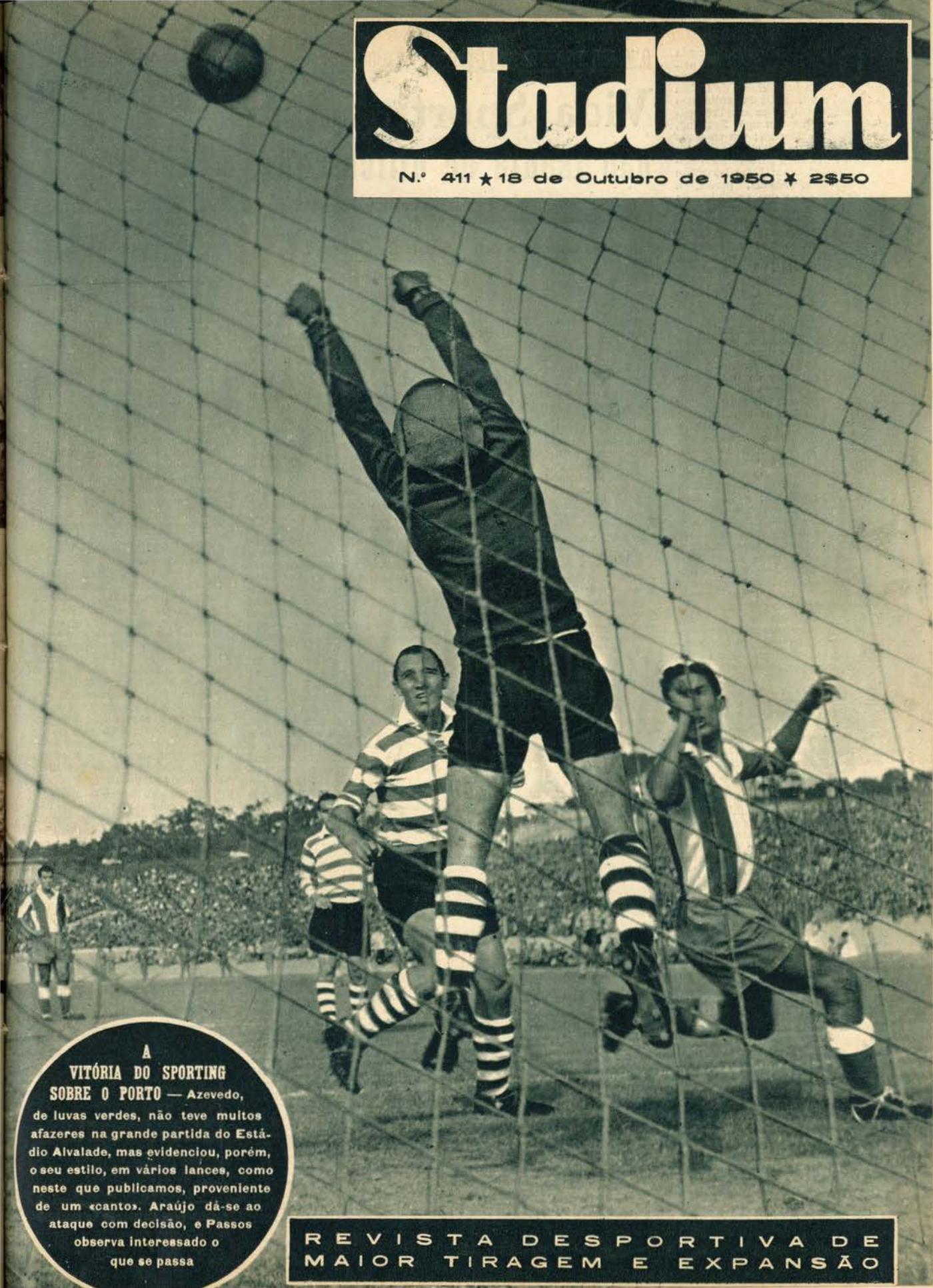


Stadium

N.º 411 ★ 18 de Outubro de 1950 ★ 2\$50



**A
VITÓRIA DO SPORTING
SOBRE O PORTO**

— Azevedo, de luvas verdes, não teve muitos afazeres na grande partida do Estádio Alvalade, mas evidenciou, porém, o seu estilo, em vários lances, como neste que publicamos, proveniente de um «canto». Araújo dá-se ao ataque com decisão, e Passos observa interessado o que se passa

REVISTA DESPORTIVA DE
MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

Vida Sportinguista não isenta de dificuldades

Crónica de TAVARES DA SILVA

de saber e boa disposição; mas a sorte não o favoreceu. O guarda-redes Sérgio, habitualmente sóbrio e seguro, teve culpas em dois golos sofridos.

Os vimaranenses, que se têm distinguido, tal como os homónimos de Setúbal, foram os primeiros a marcar; Belém igualou (um golo de Frade) mas poucos minutos volvidos os locais repuseram a diferença, beneficiados por duas comprometedoras intervenções de Sérgio. No segundo tempo, à custa de perseverança e bom sentido de jogo, Guimarães pôde fixar o seu êxito em 3-1.

NO campo do Bessa... Frente-a-frente os dois rivais da época passada no campeonato da II Divisão Nacional: Boavista e Oriental. Começo de jogo agradável. Primeiro golo dos lisboetas. Perturbação nas fileiras «xadrezadas». Reacção imediata, coroados com o tento do empate. Intervalo. Aos 2 minutos do segundo tempo, 2-1... para os lisboetas. Reacção desesperada dos boavistas. Avanços desordenados. Largas tremedais. Árbitro fleugmático. Broncas. Expulsão do orientalista Teixeira da Silva. Defesa desesperada dos visitantes. E... o golo do empate, alcançado em cargas heróicas. Confusão. Lances dramáticos. Público exasperado. E mais nada.

ACADEMICA de Coimbra não se preocupou grandemente com a solidez e a experiência da turma do Estoril. Passados uns instantes de estudo (ou não se tratasse de estudantes) os coimbricenses infiltraram-se por entre os fortes defesas, com aquela rapidez e sutileza que obram prodígios. Três golos coroarão esse período de fulgor. O grupo da Costa do Sol não se deixou invadir pelo desânimo. Vieira desferiu remates que Capela defendeu com segurança. A homogeneidade estorilista veio ao de cima. Mas no seu campo os estudantes transfiguraram-se. Parecem outros. Enleiam a defesa mais possante e unida.

No segundo tempo — um golo para cada lado. A Académica deu sinal de possibilidades interessantes sempre que os médios de ataque se libertavam do labor defensivo para se integrarem na sua verdadeira missão. O Estoril atacou mais, no entanto; todavia, Capela estava lá.

Eis um triunfo que honra quem o conquistou e não diminui a equipa vencida. São belos os jogos deste quilate!

Série II — Ano VIII — N.º 411
Lisboa, 18 de Outubro de 1950

Stadium
REVISTA DESPORTIVA
—
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.
Telefone: 31187 - LISBOA
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe de Redacção: DR. TAVARES DA SILVA
Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM, LIMITADA

REGISTRADA E IMPRESSA

Visado pela Comissão de Censura

DOS jogos da quinta jornada pôde observar-se, pela primeira vez, uma curiosa luta entre clubes de Lisboa e da Província. Os da capital não ficaram mal colocados. Três ganharam no seu campo: Sporting, Atlético e Benfica; um empatou no campo do adversário, Oriental; e os outros perderam em ambiente estranho: Estoril Praia e Belenenses. Manda, porém, a verdade dizer que os clubes da Província não deixaram de vincar personalidade; deram realmente mais uma indicação de valor. Que longe dos tempos em que a supremacia lisboeta era apenas regateada pelo F. C. Porto!

Se não, vejamos!

O Sporting da Covilhã, respirando a atmosfera pesada do Campo Grande, dificultou ao máximo a acção do Benfica; no estádio da Tapadinha, em frente de um Atlético desejo de tirar boa desforça de fracassos iniciais, o Sporting de Braga consentiu três golos na primeira parte, mas no segundo período conservou intactas as suas balizas; contra o poderoso Sporting, o F. C. Porto veio confirmar a sua posição de aspirante ao título, perdendo pela diferença de um tento, quando a maioria dos vaticínios se inclinava para derrota de certo estrondo; o Vitória de Guimarães, alardeando regularidade, bateu o Belenenses, que pelo contrário se tem feito notar por desconcertante irregularidade; a Académica, sempre moça, decidida e voluntariosa venceu a sólida turma do Estoril Praia. O Boavista consentiu um empate ao Oriental, mas ergueu aos céus lamentações pela falta de sorte, encarnada na pessoa do árbitro... (A propósito, que jornada sombria para os juizes de campo!)

Apenas se realizou em Olhão um desafio entre clubes desta feita alheios à luta Lisboa-Província. Defrontaram-se Olhanense e Vitória de Setúbal, que dividiram irrimavelmente os pontos.

Ao todo, marcaram-se 26 golos, sendo os encontros Académica-Estoril Praia e Atlético-Braga os que tiveram maior diferença de tentos: 3.

Nos outros desafios registaram-se resultados equilibrados, a reflectirem sensível igualdade de forças... até ver. Porque o torneio é desgastador e por isso a resistência poderá representar para as equipas triunfo de primordial importância.

NA jornada destacou-se como grande acontecimento o desafio do Estádio Alvalade. Foi pena que puxasse uma brisa forte, com manifesta influência no desenrolar da partida. Os jogadores, de resto, fizeram tudo para dominar esse inimigo; porém, coisa curiosa, ambas as equipas jogaram melhor contra o vento do que a favor. Já de outras vezes tem sucedido o mesmo, parecendo também muito difícil conservar a bola rente ao terreno quando em situação fa-

vorável ao vento. E a verdade é que já não se admite outra espécie de futebol.

O Porto, logo de início, fez a demonstração cabal de que não estava disposto a perder... Foi ele que se lançou ao ataque, com base na energia dos seus homens.

A resposta do Sporting não se fez esperar, desencadeando-se os golpes leoninos a todo o momento. Era a velocidade sportinguista, realmente, que colocava em dificuldades o seu adversário. Um golo de Vasques, por culpa maior de Alfredo e menor de Barrigana, abria o caminho do triunfo aos lisboetas.

Por momentos, o Porto acusou o toque, perdendo-se um pouco no vasto rectângulo. Assistimos então a uma parada de sprints clássicos de Vasques. Mas o Porto cedo se recompõe e responde, por sua vez, condignamente.

Surgem os primeiros atritos e lesões, que nos parecem resultantes de choque dentro das Regras. Se os interiores do Sporting se multiplicam, no outro lado, Joaquim é o fulcro da acção de ataque. O Porto aproveita-se, enfim, do factor vento para dominar no ponto de vista de território.

Na segunda parte, o Sporting consolida logo a sua posição vitoriosa, com um golo de Jesus Correia. As duas bolas tornam o grupo leonino porventura mais repousado e tranquilo, mas o Porto continua uma lâmina cortante — sempre sobre a cabeça do adversário. Dá-se nesta altura a inutilização de Travassos, por efeitos de colisão que se nos afigura uma resultante do Jogo, e a linha dianteira leonina sofre alterações. Travassos fica inútil, à esquerda, Pacheco Nobre muda-se para o seu verdadeiro lugar. As fugas, assim como o traçado leonino, continuam a ser rápidos, mas é o ataque do Porto que ganha em consistência, organizando-se e perfurando. O desafio perde parte do seu encanto, se o teve porventura alguma vez. O Porto domina, mas não estrutura o jogo em condições de aproveitar a sua vantagem.

O desafio muda num repente no que se refere a ambiente, passando de certa tranquilidade a crescente exaltação. De dois factos resulta a transfiguração: a expulsão de Wilson deixando Virgílio impune, e um golo validado sem a bola haver ultrapassado o risco fatal. Carvalho, aquando da referida expulsão, sai do campo com lesão de aparência grave. O jogo que se faz depois nada acrescenta ao prestígio da partida.

Vasques foi o melhor do Sporting, bem secundado por Jesus Correia. A defesa realizou uma das suas melhores partidas. No Porto, destacaram-se Carvalho e Joaquim, devendo referir-se ainda Nelo e Vieira. E fugimos pro-

positadamente a falar das jogadas feias. Remexer no lodo não é tarefa grata!

CONTRA o Sporting da Covilhã, o Benfica só pôde ficar tranquilo quando faltavam apenas sete minutos para o termo da partida. Mais uma proeza do pequeno e voluntarioso Arsénio. O certo, porém, é que os serranos até então não haviam, com a sua produção de jogo, justificado um triunfo que, a verificar-se, constituiria o caso mais sensacional dos últimos tempos. Por tudo, e ainda porque os visitantes continuam a pertencer à família dos leões... Mas não sucedeu assim.

Ganhou a melhor equipa (que gigantesco comportamento o do seu capitão, Francisco Ferreira!) e ganhou notoriedade a da Covilhã. Honras, portanto, para ambas as partes. Um apontamento indispensável: o reaparecimento de Rogério, cuja presença implicou movimentos mais harmoniosos à linha dianteira dos benficanos, que terminaram a primeira parte com a diminuta vantagem de 2-1. No segundo tempo — um golo para cada lado. E eis tudo.

O Atlético, na primeira parte, soube com mestria beneficiar da ajuda da ventania — senhora intrusa que em todos os jogos se fez valer da sua força impertinente. Os alcantarenses gisaram avanços em grande estilo, com o veterano José Lopes a pautar o jogo raso e o moço internacional Ben David a imprimir movimentação causticante — e chegaram ao intervalo com 3-0. No segundo tempo, não se marcaram golos, mas as descidas mais perigosas e bem delineadas pertenceram ainda aos lisboetas.

Os sportinguistas de Braga bateram-se com ânimo, mas não conseguiram pôr em prática aquele seu jogo rendilhado, que por vezes aturdia os defesas mais experientes. O inspirador do ataque, Eloi, desta vez não se agarrou à bola, preferiu despachá-la de qualquer maneira, logo que a topar. Ou tudo ou nada...

O Setubalenses, que marcham garbosamente no terceiro posto, e que têm demonstrado apuro, foram a Olhão arrancar um precioso empate. Os algavios, é verdade, desperdiçaram mais ocasiões de marcar. Cabrita deu unidade à linha avançada, mas a esta faltou-lhe um rematador, como, por exemplo, o audente Eminência, ora no Sporting da Covilhã.

Técnicamente, a partida pouco ofereceu de notável. Bola no ar, muita energia, muita rapidez, muito destemor...

No campo da Amorosa, o Belenenses escorregou. Não realizou má exibição; pelo contrário, em certos pormenores deu uma nota

LISBOA GINÁSIO CLUBE

Todos os anos o Lisboa Ginásio Clube, instituto de educação física, no abrir das suas aulas de ginástica, tem uma gentileza para conosco, pondo à nossa disposição três inscrições gratuitas nas suas classes infantis para os nossos protegidos. Agradecemos por nossa parte a atenção do grande clube, a quem desejamos uma acção cada vez mais profícua.

II DIVISÃO

EM TODAS AS ASSOCIAÇÕES HÁ GLOBES EM QUE É PRECISO REPARAR!

EM todas as associações dos pais prosseguiram ontem os torneios de apuramento, a contar para o Campeonato Nacional da II Divisão. Não há dúvida nenhuma que à medida que o tempo corre, o interesse cresce, e os clubes queimam os últimos cartuchos, na ansia de assegurarem o lugar... Vejamos os jogos.

Em LISBOA o Operário não fraqueja

Casa Pia-Oliveira	1-0
Palimense-Alhandra	5-1
Arrol-os-Operário	1-2

O Campeonato de Lisboa apesar de estar a entrar num caminho suave e sem muitos escolhos, continua a provocar surpresas, e luta titânica pelo quarto lugar em dúvida. O que não quer dizer que a questão do primeiro posto não esteja em causa. No entanto para ele já a febre não é tão grande.

Salta logo à vista a marca volumosa alcançada pelo animoso Palmense (uma equipa de garra!) perante o grupo regular e certo de Alhandra. Os de Palma têm lutado com um ânimo, que não é demasiado encarecer, para afastar o perigo do último lugar. O Alhandra, um grupo com possibilidades, e cheio de esperanças, não pôde resistir à onda de entusiasmo dos adversários. E humanamente, cedeu... O Casa Pia em sua casa, não se desentona com outro obstáculo. Nada mais nada menos, do que o jovem Arrol-os e no seu próprio campo. Isto quer somente dizer que a equipa do Operário forma um todo firme e bem embandado. O grupo não enfraquece, e vai ser muito difícil apelo do seu invejável lugar...

No BARREIRO mantem-se a confusão

C. U. F.-Barreirense	0-0
Seixal-Ginásio do Sul	1-0
Cova da Piedade-Montijo	1-1
Almada-Luso	1-0

O Barreirense, num jogo muito difícil conseguiu salvar-se da derrota, o que é sempre de aplaudir no terreno traiçoeiro e escorregadio da C. U. F. E que os custas lutas-muros, redobram de esforços, e batem o pé a qualquer... O Seixal para vencer o Ginásio do Sul, foi obrigado a empregar-se a fundo, o que revela a vontade com que os cachilhões lutaram. Almada, o grupo local também encontrou no seu antagonista, um adversário animoso e que não se deixou bater com facilidade. O Alcedor cedeu mais um ponto, o que não deve causar estranheza, pois foi perdido em casa do Cova da Piedade, um dos sérios candidatos ao título.

Nas outras Associações verificaram-se os seguintes resultados:

VILA REAL

D. de Chaves-Vila Real	1-2
Operário-Mirandela	1-2
Régua-Bragança	3-2

O Vila Real foi a Chaves arrancar uma difícil vitória pela tangente. Os campeões não tremem e seguem confiantes o seu caminho.

Merceve realce a vitória que o Mirandela alcançou em casa do adversário, e no seu terreno o Régua conseguiu dominar com muita dificuldade o animoso Bragança.

BRAGA

F. C. de Fafe-Gil Vicente	3-0
Vianense-Monção	6-1
Famalicão-S. C. de Fafe	3-1

O F. C. Fafe alcançou um resultado que não deixa de surpreender perante as más provas dadas anteriormente.

O Vianense derrotou por marca esmagadora, afirmando a sua real capacidade, o jovem Monção. O Famalicão, equipa de tradições, derrotou o Sporting de Fafe, e lá vai singrando cheio de fé. Que continue...

PORTO

Salgueiros-Tirsense	1-0
D. dos Aves-Académico	4-1
Leixões-Leça	5-0

De notar que o Tirsense sofreu a primeira derrota no torneio. E ela foi imposta pela turma valerosa do Salgueiros, um grupo vá Benficus, que quer afirmar-se. O Académico, continua a sofrer as consequências duma nova orientação. E o Leixões depois de algumas exhibições incertas, voltou ao seu caminho. Antes assim...

AVEIRO

Ovarense-Sanjoanense	2-0
Beira Mar-Espinho	1-1
Oliveirense-Lamas	5-2

Em primeiro lugar saliente-se o empate que o Espinho foi arrancar a Aveiro. Os espinhenses, merecem parabéns pela proeza. A Ovarense venceu um adversário perigoso o que também não pode passar em claro.

Em casa a Oliveirense ganhou conclusivamente, ao União de Lamas, não se afastando nem uma polegada do caminho traçado...

VIZEU

Mangualde-Lusitano	1-0
S. L. de Viseu-Académico	1-1
Lamego-Tondela	4-1

No «derby» local, nenhum dos antagonistas se pôde enfeitar com os louros da vitória. O empate veio a premiar o esforço de ambos.

O Mangualde ganhou com normalidade, e o Lamego, uma equipa que principia agora nestas andanças, começa a dar nas vistas... Vialumbamos um equilíbrio que começa a dar mais interesse à luta.

COIMBRA

Naval-Marialvas	1-2
Lusitano-Anadia	0-3
União de Coimbra-Lousanense	8-1

A derrota do Naval, no seu próprio lar, surpreende. Não que tiremos valor aos animosos Marialvas... Mas é que a turma da Figueira tem vindo a fazer excelente figura. Que não desanime com o desaire... O União de Coimbra segue na sua senda, sem se deslumbrar e sem perder terreno. Ela um grupo pleno de possibilidades e que ainda não deu uma medida exacta do seu valor.

GUARDA

S. C. de Gouveia-União da Guarda	0-5
--	-----

Como só há três clubes a disputarem este torneio, só se realiza um jogo em cada domingo. Não que apregoamos progresso, exactamente porque existe maior massa de praticantes sentimo-nos constrangidos perante isto. Enfim. O bom tempo voltará com certeza a reinar na A. F. Guarda.

LEIRIA

S. L. Marinho-Peniche	1-1
Caldas-Marrazes	2-0
Ginásio Alcochã-Bombarralense	8-0
Torriense-Atletico Marinense	2-1

Torneio disputadíssimo este, em que vão ser muito-difícil nomear um vencedor. A maior parte dos grupos sonha com a qualificação, e não quebra, na luta. Ginásio de Alcochã e Torriense parecem os mais apetrechados. Mas os outros não cedem um palmo...

SANTAREM

Benavente-Ferrovários	0-1
Alcanenense-Rossense	6-3
Torres Novas-«Os Leões»	6-3

Os «Leões» perderam. E isto é facto que não pode passar sem registo, pois os escalabitanos constituem um grupo homogêneo e seguro. Estão portanto em festa, os valerosos rapazes de Torres Novas. E pelo mesmo resultado caiu em Alcanen, a formação do Rossense que não surpreende por aí além.

Bela vitória, a que o Ferrovários alcançou.

PORTALEGRE

Campomaiorense-«O Elvas»	0-5
Portalegrense-Alter	7-0
Elétrico-Estrela	0-2

«O Elvas» segue e soma, sem desfalecimentos, a sonhar novamente com o convívio dos grandes. O que não nos admiramos, porque a turma tem fibra e valor. O Portalegrense conseguiu um resultado volumoso, a lembrar a campanha do ano passado. Elétrico e Estrela disputaram um encontro equilibrado, com resultado normal.

ÉVORA

Alentejo-União	2-5
S. L. de Évora-Lusitano	0-9
Estrela-Juventude	1-1

Eis mais uma jornada, a aguçar o interesse pelo grande encontro União-Lusitano. Eis um jogo, que valerá a pena ver. Qualquer dos grupos venceu com nitidez, e fora de casa, o que mostra à evidência a sua 'boa condição actual.

O Juventude, que já deve estar afastado do título, cedeu um ponto... E numa altura, tão má...

BEJA

F. C. de Serpa-Desportivo de Beja	1-2
Despertar-Aljustralense	0-3

O Desportivo de Beja ganhou muito bem um encontro que se previa difícil. A equipa quer marcar lugar. Veremos a segunda fase. O Aljustralense também foi fora de casa, arrancar pontos preciosos. A luta, felizmente, mantém-se indecisa...

FARO

Portimonense-Farense	2-1
Silves-Lusitano	2-1
S. L. de Faro-B. Esperança	5-1

Chega logo de entrada a derrota sofrida pelo Lusitano. Que se passará? A equipa com tardes muito boas, cai, quase sem explicação noutras. Porquê? Não haverá falta de moral a minar o conjunto? Creemos que sim. Mas isso do que uma nitida queda de capacidade técnica. O Portimonense não venceu a brincar, e o S. L. e Faro esmagou o Boa Esperança.

*

E com os torneios, para lá da primeira Volta, há grupos que começam a dar nas vistas. Como que a quererem marcar posição com vista à segunda fase...

Numa próxima crónica, veremos as que nos parecem mais apetrechadas. Entretanto, aguardemos...

AMADEU J. DE FREITAS

Armando Ferreira e a homenagem do Sporting

TEVE grande cunho clubista o almoço de homenagem promovido por um grupo de sócios do Sporting ao jogador Armando Ferreira, actualmente praticante e treinador no Barreirense. Foi na verdade uma festa, ternura e comoção, na raiz sportinguista. Aos associados juntaram-se jogadores (Canário, Manuel Marques, Octávio Barrosa) e veio gente do Barreiro. E todos que discursaram puseram em relevo as várias facetas da personalidade de Armando Ferreira — o homem, o jogador, o estudante do Jogo.

Presidiu o sr. dr. Ribeiro Ferreira, que tinha no seu lado direito o jogador homenageado e o dr. Tavares da Silva, e do lado esquerdo o sr. dr. João Figueira, presidente do Barreirense e Joaquim Alves.

Carlos Queiroga Tavares contou com muita oportunidade alguns episódios da vida do jogador, procurando recordar devidamente a sua figura. João Jacinto, pela Comissão, foi justo e preciso, oferecendo uma artística placa com recordação do acto. O dr. António Ribeiro Ferreira com grande clareza e nitidez de expressão, tornou conhecidos os termos da transferência de Armando Ferreira para o Barreirense, que só dependem a favor do sportinguista nascido no Barreiro, aludindo depois ao caso do jogador Gervásio e a outros aspectos para vincar como é firme a aproximação entre os dois clubes, Sporting e Barreirense.

O dr. João Figueira recorreu a figura do jogador, com eloquência, e prestou homenagem à grandeza e projecção de uma obra que, disse, não só orgulho dos elementos sportinguistas, Manuel Figueira, que representava o «Jornal do Barreiro» e era a única pessoa que na qualidade de jornalista ali se encontrava, amigo de criança de Armando Ferreira, com tocante sinceridade, disse da sua admiração e do que representava o seu regresso ao Barreirense.

Sobral Junior, que, por seus dizeres, obrigou o nosso chefe de Redacção a usar mais tarde da palavra, lembrou alguns apontamentos na sua relação com a personalidade do jogador. Octávio Barrosa prestou homenagem ao seu antigo colega de equipa.

Pedro Aires trouxe o testemunho da sua admiração, Isaac Sequerra, com pitoresco e sentido de bom humor, destacou a figura do homenageado.

Tavares da Silva disse que, na saudade dos tempos passados (recordando a propósito o ambiente leonino há mais de duas dezenas de anos) se deverá favorecer o amor clubista para o futuro, interpretando depois as virtudes sportinguistas, a relação dos jogadores antigos com os modernos, mas colocando acima de todos, dirigentes, praticantes e dirigidos o próprio clube, para elevar depois em Armando Ferreira o jogador e o técnico, aproveitando também a oportunidade para destacar a influência do Barreiro e das suas gentes no movimento do futebol português.

Para fecho desta bela Festa, comprovando mais uma vez que os sportinguistas têm orgulho nos seus valores e os sabem respeitar e admirar, o atleta Armando Ferreira pronunciou as seguintes palavras:

«Não podem ser senão de agradecimento e de gratidão as poucas palavras que tenho para lhes dizer. De agradecimento pela homenagem com que me quiseram honrar, que só teve o sentido de ser intercedida — mas talvez seja exactamente essa mais uma das razões porque o Sporting é tão grande: pois honra com homenagem atletas que outra coisa não fizeram senão procurarem cumprir o seu dever!

De gratidão pelas inúmeras provas de amizade e consideração de que sempre fui alvo por parte de todos os sportinguistas, que me fazem lembrar a todo o momento e a bendizer o dia, em que comeci a fazer parte da grande família leonina.

Ocorre-me, ter ouvido dizer um dia ao nosso querido presidente da Direcção que o Sporting é um Clube onde a disciplina é um dogma; e eu acrescentarei que é também uma Escola de Virtudes onde se moldam caracteres, e onde os nossos rapazes adquirem aquele cunho de homens desportivos que é tão característico dos atletas do Sporting. Deste modo, aquilo que neste momento se festeja, e que por favor vosso queira ver personificado em mim — não são senão virtudes do Sporting, virtudes que só no ambiente excepcional que existe dentro deste grande clube podem florescer e frutificar.

E, se para vós vão os meus agradecimentos, para o Sporting vão as minhas homenagens.»

ESCOLA DE MOTORISTAS

“António da Escola”

A maior organização do País

dirigida superiormente “António Gabriel Jerónimo”
pelo seu proprietário
(com a assistência técnica do Eng. SETTE PIMENTA)

SÉDE:

R. António Maria Baptista, 24

LISBOA

Telefone 42529

SUCURSAIS:

Évora — Trav. do Sertório, 26

—

MONTE-MOR-O-NOVO

P. da República (Auto-Rádio)



Oficinas e Estação de Serviço — Rua Borges Graça, 15 — Telefone 44725
(à Rua da Penha do Franço)

Nasceu uma estrela no firmamento do futebol português

"O meu primeiro golo para o Benfica emocionou-me até às lágrimas"

Dotado de predicados que dele podem fazer, num futuro mais ou menos próximo, um ídolo das gentes do Benfica, ninguém dos desportistas portugueses: José dos Santos Aguiar, o jovem que ultimamente tem alinhado no eixo do ataque benfiquista, é uma figura curiosa, fora dos rectângulos do futebol. Amável, simpaticíssimo, de uma ingenuidade e timidez de maneiras que rapidamente denunciam os seus 19 anos, e uma ausência completa de conhecimento da «raposice da vida», grangeou já uma cõrte grande de admiradores — e de admiradoras, sobretudo — que o não largam em todo o dia.

Está principiando a pagar o primeiro tributo à popularidade.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES

A conversa com José AGUAS, que hoje reproduzimos na «Stadium», não é a clássica entrevista a que o reporter sujeita o atleta. É a sumula de uma série de perguntas e respostas arquivadas mentalmente, no decorrer de muitos momentos de cavaco com o novo estro benfiquista, na secretaria do clube, sentados à mesma mesa, servindo um café ou fazendo honras a uma refeição em comum. É que, temos podido privar com o AGUAS diariamente... e não pode haver protocolo quando começa a nascer uma amizade.

Quando lhe fomos apresentados pelo sr. Francisco Retorta, vice-presidente do Benfica, ainda o novo recrutado não tinha jogado contra o Atlético. A nossa conversa, portanto, a pouco se limitou nesse dia. Ligeiras impressões, nada mais.

— Estou satisfeítissimo por ter vindo. Os dez dias de alegre convívio com a rapaziada, por terras de Angola, deixaram-me uma saude grande, e um desejo enorme de que estes dias passassem rapidamente.

— Em que clube jogava?
— No Lusitano, do Lobito, onde me iniciei no ano de 1948.

— Recebeu bem a proposta para jogar no Benfica?

— José Aguiar não precisava de ter respondido. O brilho de satisfação que lhe vimos no olhar era a melhor resposta à nossa pergunta. Entretanto, registámos:

— Recebi-a com uma alegria que não se descreve facilmente. Na minha terra, as glórias e grandezas do Benfica são sobejamente conhecidas. Tive sempre, por isso mesmo, uma inclinação grande para ser benfiquista. E para um benfiquista que joga futebol, creio que a maior ambição é representar o seu clube.

— Gostou, nesse caso, de ter alinhado em África?

— Se gostei! Mas mais gostarei de dar aos meus conterrâneos, se for possível, a satisfação de sabermos que mais um angolano se fixa num clube grande.

— Está, então, animado de fé?

— Só assim poderei triunfar...

Dias depois, AGUAS alinhava na Tapadinha, para o jogo contra o Atlético, e voltámos a conversar, horas depois.

— Que tal a estreia?

— Não estou satisfeito comigo mesmo. O ambiente, com toda aquela gente à volta do rectângulo, influiu imenso nos nervos, e eu sinto que ninguém pode ter ficado agrado da minha exibição. Não fiz golos, e quando um avançado-centro passa um desafio em branco... as coisas não vão bem!

— Não desanime! Para a outra vez será...

— Espero que sim! E depois, sabe... estranhei muito, também, a estreita marcação a que fui submetido pela defesa central Armino.

— Gostou da maneira de jogar do seu adversário?

— Notei que deve ter muito escalaço do lugar. E muita experiência, também...

A APOTEOSE... CONTRA BRAGA

No final do jogo em que o Benfica derrotou copiosamente o Sporting de Braga, contagiados pela ovação estrondosa com que todo o público do Campo Grande acolheu o electrificante golo final do jovem avançado-centro benfiquista, não resistimos a ir à cabine felicita-lo. AGUAS acolheu-nos com um sorriso de satisfação a iluminar-lhe o rosto, e disse-nos:

— Hoje sim, meu amigo! Hoje, estou satisfeito comigo mesmo. E para que mais viva fique no meu espírito a recordação deste jogo, até o Júlio meu deu o precioso estímulo das suas palavras de conforto, e acaba de me abraçar com

declarou AGUAS, o esperançoso avançado-centro do BENFICA



António José executa uma defesa difícil. Pelo sim pelo não, verifica-se um obstáculo para Arsénio



Corona ataca o guarda-redes, vendo-se Aguiar ao lado

Benfica 3 — Covilhã 2



Rogério surge-nos em pleno movimento, aliás, sem resultados práticos



Rogério eleva-se mais do que Diamantino e faz a jogada

sincera emoção. É este um grande dia para mim.

— Que sensação lhe deu o seu primeiro golo de hoje?

— Senti lágrimas nos olhos, quando os companheiros me abraçaram. E nasceu-me «lá dentro» uma vontade feroz de lutar com mais entusiasmo, ainda.

— O seu quarto golo recordou uma grande figura do desporto português, e das Olimpíadas de 1928... Vitor Silva.

— Também já me disseram. Se assim é, felicemente que fico com um estímulo grande, e procurarei continuar a lembrar essa grande figura que não conheci.

— Está satisfeito com a maneira como a massa associativa do Benfica o acolheu?

— Seria preciso não ter sensibilidade, para ficar indiferente.

O nosso diálogo ficara por aqui, pois o herói do dia precisava de repouso. Saímos para regressar à Baixa, mas a multidão que se aglomerava nas imediações do campo atlético do Benfica, levou-nos a prever algo de extraordinário. E ficámos por ali, a ver.

Não nos enganámos.

Quando Aguiar, com Francisco Retorta ao lado, saiu dos vestiários, logo aquela mole de gente avançou, sem que fosse possível contê-la, e o «herói» era sacado em ombros, numa manifestação de simpatia que ninguém conseguia evitar... e assim foi «craçutado»!

Não podiam restar dúvidas de que havia nascido uma estrela no desporto português. Registrando-o, fazemos votos, apenas, para que o novo ídolo se não deixe deslumbrar pelo fogo sagrado das manifestações, e que procure progredir, de forma a seguir na esteira deixada por outros nomes inesquecíveis, honrando-se e dignificando-se, servindo com vontade o seu clube e o desporto nacional.

ROSA DE MATOS

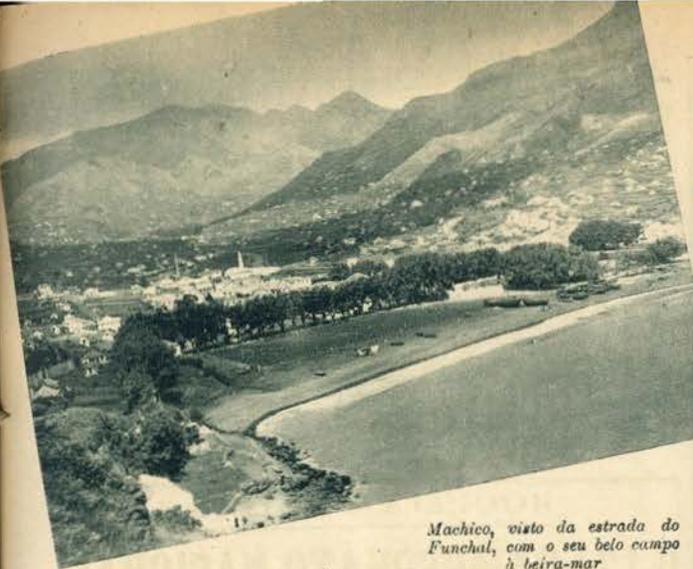
SERA CAMPEÃO DA BOLA TOMANDO "VITACOLA"



Arsénio, todo no ar, capta uma bola alta e joga de cabeça. A sua volta verifica-se um anel de segurança

ARMAS E MUNIÇÕES
A. MONTEZ
P. D. JOÃO DA CAMARA, 3
Telf. 25731 — LISBOA

Futebol PAIXÃO POPULAR



Machico, visto da estrada do Funchal, com o seu belo campo à beira-mar



NO decurso da nossa recente visita à paradisíaca Ilha da Madeira foi-nos dado verificar, mais uma vez, quanto o jogo do futebol conquistou a paixão popular, enraizando-se nos mais pequenos centros populacionais, verdadeira distração número um das gentes de toda a ilha.

Sem querermos apreciar o interesse dos funchalenses, consagrado centro de organização oficial que espera ainda o estádio municipal a que tem legítimo direito pelo seu valor actual e pelas suas tradições, pareceram-nos dignos de ser divulgados outros aspectos do problema que o acaso das nossas peregrinações nos revelou.

S. Vicente, povoação da costa norte da Madeira, ancha-se frente ao mar, na embocadura de um vale ubérrimo e pitoresco que vem da Cumia-da escoltado de um lado e outro por imponentes montanhas, talhadas a pique sobre a garganta serpenteante.

Os habitantes da vila, à mingua de espaço, foram roubar à praia o terreno de que precisavam para o seu campo de futebol: afastaram as pedras — o clássico calhaus da beira-água madeirense — e foram-nas acumulando em muro em torno do retângulo, aprofundando até acharem terra firme. E assim criaram o seu campo, escassos sessenta por quarenta metros, que o oceano, cada vez que se zanga, enche de novo de calhaus; mas a tarefa recomeça, sem fim, sem esmorecimento e o tempo de futebol reconstrói-se.

No Machico, no extremo oposto do diâmetro ilheu, o campo é o átrio onde a vila acolhe quem a visita por mar: a praia com o calhaus, logo a seguir, a todo o comprimento, o retângulo de jogo e depois, são depois alamedas, ruas e casarilo.

Na manhã em que visitamos Machico, era festa grande: disputava-se o «derby» local, entre as filiais do Sporting e do Belenenses, cuja rivalidade foi de tal molde que durante mais de um ano os jogos entre estes grupos estiveram proibidos pelas autoridades. Desta vez tudo decorreu bem, acalentado pelo frenético entusiasmo da população, mas sem

(1) campo do Machico



O campo de S. Vicente

incidentes; para contento geral, até os grupos empataram a uma bola.

Este campo do Machico, como o de Câmara de Lobos, Ribeira Brava, etc., são aos domingos muito utilizados, pois as numerosas excursões vindas do Funchal ou de algures, incorporam em regra um ou dois grupos de futebolistas que se exibem no local do destino. Para gaudío próprio e para distração dos indígenas.

SALAZAR CARREIRA



Ante o risinho semblante do coronel Eagan, presidente da Comissão Atlética de Nova Iorque, Jos Louis e o seu amigo Ezzard Charles cruzam as canetas no acto de assinarem o contrato para a disputa do título. Jos Louis, depois do combate, afirmou que deixava as luvas tranquilas, para logo se arrepender e afirmar que continuará a combater. O negócio, verdade seja, não é mau de todo!

COM
FARINHA 33
um homem vale por três

CLICHÉS
feitos com películas e chapas
LUMIÈRE

**Grande Pensão
ALCOBIA**

1.ª classe; água corrente quente e fria, em vários quartos — Asseio irrepreensível

Telefone nos quartos

Poço do Borratém, 15 — LISBOA

Telefones 21506 e 31071

A ÉPOCA DE 1950

Apreciada por SALAZAR CARREIRA

III-O MEIO-FUNDO

Os dez melhores do ano foram: 800 m.: J. Branco e Alves da Silva, 1 m. 59,6 s.; A. Monteiro, 2 m. 2,4 s.; D. Canhão, 2 m. 2,5 s.; Pena da Silva e Artur Dias, 2 m. 2,7 s.; F. Aguiar, 2 m. 2,9 s.; Matos Pinto, 2 m. 3 s.; A. Chaves, 2 m. 3,9 s.; Jones Fernandes, 2 m. 4 s.

1000 m.: J. Branco, 2 m. 36 s.; Pena da Silva, 2 m. 40, s.; Alves da Silva, 2 m. 42 s.; Guedelha, 2 m. 42,4 s.; M. Guedes, 2 m. 43,8 s.; R. Gonçalves, 2 m. 45 s.; M. Tomás, 2 m. 46,8 s.; R. Costa, 2 m. 47,4 s.; J. Faria, 2 m. 49,2 s.; Donald Monteiro, 2 m. 49,5 s.

1500 m.: J. Branco, 4 m. 6,6 s.; Alves da Silva, 4 m. 10,6 s.; Guedelha, 4 m. 10,8 s.; Lourenço, 4 m. 14 s.; Conde, 4 m. 14,8 s.; Jones Fernandes, 4 m. 17,8 s.; V. Lopes, 4 m. 18 s.; J. Coutinho, 4 m. 19,2 s.; J. Ferreira, 4 m. 20,8 s.; M. Guedes, 4 m. 21,8 s.

2.000 m.: J. Coutinho, 6 m. 9,4 s.; J. Carmo e A. Santos 6 m. 11,75; Donald Monteiro, 6 m. 15 s.; A. Campos, 6 m. 27,2 s.; A. Catarino, 6 m. 32 s.; F. Moreira, 6 m. 46,6 s.

Médias dos dez melhores resultados: 800 m., 2 m. 2,33 s., 748 p.; 1.000 m., 2 m. 44,23 s., 679 p.; 1.500 m., 4 m. 15,44 s., 753 p.; 2.000 m., 6 m. 21,94 s., 583 pontos. Estas médias são superiores às da época transacta.

O meio-fundo continua sendo, apesar de inegáveis progressos em profundidade, a categoria onde os corredores portugueses possuem mais fraca classe internacional. Os nossos recordes são os mais baixos de todos os países da Europa e, a análise da situação leva-nos a concluir que se impõe a reforma dos métodos de preparação em uso no país, provado estando que os seus resultados são insuficientes.

As médias que atrás indicamos, obtidas com as dez melhores marcas da temporada, nos 800 e nos 1500 metros, podemos comparar as de 1948 (2 m. 4,3 s. e 4 m. 21,9 s.) e as de 1949 (2 m. 3,4 s. e 4 m. 17,7 s.) para verificação da progressiva melhoria; demasiado lenta, porém, se considerarmos o caminho a percorrer para atingirmos o nível mínimo da classe internacional.

As condições de forma a cultivar especialmente na preparação dos meio-fundistas portugueses são, parece-nos, a cadência e a descontração; verifica-se, com efeito, na generalidade dos casos (tomemos a corrida de 800 m. para exemplo) que os nossos corredores passam a meio percurso em tempo que lhes deveria permitir marca final de boa categoria, mas não aguentam depois o andamento e, no momento do esforço final, a contração prejudicial é evidente e inevitável.

Joaquim Branco, a quem foram creditados os melhores resultados da época, conseguiu melhorar o seu recorde nacional dos 1500 m. e o recorde pessoal dos 800 m.; progredirá talvez ainda,

mas não é ele o homem de quem precisa o meio-fundo português. A sua melhor prova é a corrida de 1.500 m., na qual poderá aproximar-se dos quatro minutos; se, porém, recordamos o seu comportamento no «match» com os espanhóis, a impressão que fica é pouco lisonjeira. Em sîmula: o melhor português do momento, em forma ascendente, mas de classe a limitar largas aspirações. O seu mais próximo rival foi Eduardo Alves da Silva, que não obteve resultados comprovativos de apreciável progresso, apesar de ligeira baixa no tempo dos 800 m.; é um corredor enérgico e rápido, que nos parece nunca ter seguido preparação suficiente para alcançar a melhor forma. Também não será este o redentor do meio-fundo nacional.

Américo Guedelha e Pena da Silva são, do lote de corredores seniores, os dois melhor apetrechados para ascenderem na escala de valores; Guedelha, que melhorou o seu recorde dos 1.500 m.; devia deixar as maiores distâncias para se consagrar a esta especialidade, onde poderá brilhar; Pena da Silva, que estabeleceu o seu melhor tempo no quilómetro, é o mais descontraído dos nossos meio-fundistas, mas é frágil e não sabe acabar — ou não pode — os seus percursos.

Sendo embora especialistas de maiores distâncias, Alvaro Conde e José Lourenço, na mediocridade do lote de meio-fundistas, são capazes de luzir e causar surpresas. Tudo depende do interesse pelo treino, o grande óbice para os atletas portugueses, para quem a persistência é uma virtude teórica.

Guardamos para últimos aqueles que esperamos venham a ser no futuro os primeiros: Adelino Monteiro, Armando Chaves e Jones Fernandes, ascenderam esta temporada da categoria de juniores ao confronto com os melhores e as suas marcas são animadora garantia de boa classe. Embora em atletismo as previsões sejam origem de constantes desenganos, não hesitamos em considerar estes três rapazes como os sucessores dos actuais campeões, se a chama sagrada se lhes não apagar.

Outros novos a citar: Matos Pinto, Fernando Aguiar, Raúl Gonçalves (com um inverno de boa ginástica, que lhe dê estofa, que grande corredor será talvez), Mário Guedes, Coutinho e José Ferreira.

Finalmente, para situar a época no quadro geral do atletismo português, registre-se que os tempos de Branco e Alves da Silva nos 800 m. ocupam o 3.º e 4.º postos na tabela das melhores marcas nacionais; o de Pena da Silva nos 1.000 m., o 4.º posto; Branco melhorou o recorde nacional dos 1.500 m., Guedelha subiu ao 4.º posto e Alvaro Conde ao 10.º, ao passo que Alves da Silva ficou abaixo da sua marca da época anterior.



OPERÁRIO FUTEBOL CLUBE — Concorrente ao campeonato da Associação de Futebol de Vila Real

HÓQUEI EM PATINS

O 12.º CAMPEONATO NACIONAL

principiou ontem a disputar-se numa espécie de "repetição" do de 1949

COM desafios em Lisboa (Benfica-Paço de Arocs) e no Porto (Académica de Espinho-Académico) principiou ontem a disputar-se o duodécimo campeonato nacional de hóquei em patins, a que concorrerem os três primeiros classificados nos torneios regionais, ou sejam as quatro equipas mencionadas e mais o Hóquei de Sintra (detentor do título) e o Infante de Sagres. Quer dizer: precisamente as mesmas de 1949.

O calendário completo da prova — desentados os dois jogos aludidos acima — é o seguinte: dia 29 — Benfica-Hóquei de Sintra (em Lisboa) e Académica de Espinho-Infante de Sagres (no Porto); dia 29 — Paço de Arocs-Sintra (Lisboa) e Académico-Infante (Porto); dia 28 — Ac. Espinho-Paço de Arocs, Académico-Sintra e Infante-Benfica, no Porto; dia 29 — Ac. Espinho-Sintra, Académico-Benfica e Infante-Paço de Arocs, no Porto; dia 29 — Ac. Espinho-Benfica, Académico-Paço de Arocs e Infante-Sintra, no Porto; dia 2 de Novembro — Paço de Arocs-Benfica (Lisboa) e Académico-Ac. Espinho (Porto); dia 7 — Sintra-Benfica (Lisboa) e Ac. Espinho-Infante (Porto); dia 9 — Sintra-Paço de Arocs (Lisboa) e Infante-Académico (Porto); dia 11 — Paço de Arocs-Ac. Espinho, Sintra-Académico e Benfica-Infante, em Lisboa; dia 12 — Sintra-Ac. Espinho, Benfica-Académico e Paço de Arocs-Infante, em Lisboa; dia 13 — Benfica-Ac. Espinho, Paço de Arocs-Académico e Sintra-Infante, em Lisboa.

As partidas a efectuar em Lisboa (no Pavilhão dos Desportos) e as que se disputam no Porto (Palácio de Cristal) são antecedidas de torneios de segunda categoria, em que tomam parte os mesmos clubes, disputando-se, na de clubes lisboenses, a taça «H. S. (Sintra)». Os jogos do campeonato nacional têm a duração oficial: 30 minutos (repartidos por dois períodos de 15 minutos cada um).

Vencedores dos onze campeonatos:

Guarde as embalagens LUMIÈRE, porque lhe reservamos concursos e premios

- 1930 — Sporting.
 - 1940 — Futebol Benfica.
 - 1941 — Futebol Benfica.
 - 1942 — Paço de Arocs.
 - 1943 — Futebol Benfica.
 - 1944 — Paço de Arocs.
 - 1945 — Paço de Arocs.
 - 1946 — Paço de Arocs.
 - 1947 — Paço de Arocs.
 - 1948 — Paço de Arocs (a)
 - 1949 — Hóquei de Sintra.
- (a) — Recorde.

Infante de Sagres e Académico tiveram na última quinta-feira um desafio-extra (o anterior, disputado em 21 de Setembro, foi anulado) para apuramento do campeão do norte. Os infantenses, triunfando por 5-2, voltaram a figurar na lista dos campeões, de onde tinham sido arreados pelo Académico, vencedor em 1948. Nesse encontro, que decorreu animadamente, como autêntica «finalíssima» que era, alinharam e merearam: Gomes da Costa, António Figueiredo, Manuel Soares, Luis Polónia (4), Fernando Figueiredo (1) e Idebrando Costa, pelo Inf. Sagres; Francisco Ferreira, Correia de Brito, Manuel Fernandes (1), António Ribeiro, André Carvalho (1) e Cardoso Dias.

Nos torneios anteriores ganharam: 1938 — Estrela e Vigorosa; 1939 a 45 (cinco anos seguidos: recorde) — Infante de Sagres; 1944 a 46 — Académico; 1947 e 48 — Infante de Sagres; 1949 — Académico.

Colégio Militar e Cuf do Barreiro, empatados com 33 pontos cada um, têm de debrantar-se novamente — para apurar o campeão do sul na II Divisão. Qualquer dos clubes vai inscrever pela primeira vez o seu nome no quadro de vencedores. Foram já campeões: Desp. Tabacoos (1943), Lisgás (1944 e 47); Campo de Ourique (1948); e Parede (1949). A prova não se disputou em 1945 e 46. Em segunda categoria ganharam a Cuf do Barreiro: 23 pontos em oito jogos e 49-9. Seguiram-se: Colégio Militar, 19 pontos e 43-18; e Lisgás, 18 pontos e 45-13. Hóquei C. P. e Sp. Caldas desistiram. Campeões anteriores: Sp. Oeiras (1943) e 44; Ateneu (1947 e 48); e Parede (1949).

JORGE MONTEIRO

DANCING DE LUXO **ARCADIA** **VARIEDADES**

R\$ 0,30 e 2,15

— Números novos de grande sucesso pelas atrações —

Dunia ★ Mary Mely ★ Herm. Baron ★ Rosa Estrella ★
Olga Miranda ★ Perla Levante ★ Mary Arilla ★ Ana Maria ★ Marissa Mar

— Exito formidável dos «clous» —

— **BALLET HELIOS** ★ **TRIO BARSÍ** —

DUAS ORQUESTRAS NOTURNOS e ARCADIA

"STADIUM" visita os clubes da II Divisão

O OPERÁRIO

mantém com entusiasmo as suas características de clube BARRISTA e serve com dedicação o futebol lisboeta

O seu parque de jogos e o ver acatados os interesses dos clubes que vão ao Campeonato da II Divisão são de momento os seus maiores desejos

SEMPRE que temos entrado na sede do Operário Futebol Clube analisamos um dos mais acérrimos ambientes de dedicação clubista. As suas dependências mantêm, noite após noite, um movimento grande de sócios interessados em todos os casos e acontecimentos que envolvem a vida do clube. Acresce ainda que o Operário representa no futebol de Lisboa um dos bairros de mais acentuadas características populares e bairristas.

A gente da Graça defende sempre com elevação e alegria todos os motivos que possam dizer cá fora — deixando S. Vicente, passando rente a Alfama — que os da Graça se vifanem por vincar acentadamente os tantos motivos que valorizem o seu bairro e procurem marcar posição digna em tudo a que concorrem.

Por isso o seu clube de futebol, o Operário, defrauta desse interesse que o bairro lhe dedica e de que ele se tornou merecedor em face da posição magnífica que está ocupando no desporto, especialmente em futebol e basquetebol. É certo ter conquistado essa posição de relevo à custa de bastantes sacrifícios e de esforços sem conto. Mas tem vencido!

Presentemente o clube marcha com destaque no campeonato de Lisboa — pela série de vitórias conquistadas, 3 jogos, 7 vitórias, mantendo-se na posição de leader que justamente lhe dá alegria e ânimo forte, sentindo já a honra de participar num torneio de categoria como o Nacional da II Divisão.

Entusiasmo presente, confiança no futuro! Exemplo de dedicação clubista!

Numa das últimas noites subimos mais uma vez e com o agrado de sempre, no seu primeiro andar da Calçada do Monte — janela aberta sobre Lisboa formosa. Inquirimos por um director, talvez o de serviço nessa noite, mas o continuo declarámo-nos logo.

— Um? Estão cá todos!

— Era assim de facto. Instantes depois sentamo-nos no meio dessa roda de dirigentes do Operário.

Costa Almeida — um nome que sempre encontramos nos assuntos do Operário apontou-nos estes homens — os do clube e servidores dedicados ao desporto: José Antunes Reis, 26 anos consecutivos em dirigente do Operário! — merecida e justíssima a Medalha de Mérito Desportivo que se julga irá receber — José de Matos, sócio n.º 1; Luciano Gomes Sorozelo; João Ramos Dias; Ezequiel Delgado, Aureliano Matos, Herculano Pereira da Silva; o presidente da Assembleia Geral, João Carlos Madeira, e o presidente do Conselho Fiscal, dr. João Tavares.

Divulgamos a razão da nossa visita. Atenciar o momento presente na vida do Operário — que já conta 30 anos de actividade.

Costa Almeida fala por todos, e está bem. Os pensamentos e as ideias desenvolvem-se ali, naquela sala, de que se tornou o nosso clube. A tradição que aponta à massa associativa como o mais forte sustentáculo da vida do Operário mantém-se — começa por nos dizer Costa Almeida. É ainda nos seus associados que o nosso clube deve todo este ambiente magnífico, e apoio necessário em todos os transe da vida clubista, na animação da sede, na companhia entusiástica que fazem no nosso grupo de futebol.

Os sócios e os adeptos do Operário continuam formando uma camada que não joga o Operário, amparando-o e fornecendo com essa sua presença — em todos os campos onde o Operário vá jogar — a maior receita.

— Há então grande entusiasmo? — Sempre fomos tidos como os de maior e mais aguerrido ambiente clubista, mas este não a posição do nosso clube e os resultados que esperamos obter na nossa vida associativa aumentaram ainda mais esse interesse e entusiasmo.

— Disse resultados que esperam obter na vida associativa? — Sim. O nosso parque de jogos. Pen-

samos nele todos os dias, nesse campo que a Câmara construiu no Vale Escuro, como complemento do bairro que ali vai edificar. Nada nos faz prever qualquer outra decisão. O interesse do sr. tenente-coronel Salvação Barreto, o amizade do nosso illustre consócio prof. Marcelo Cuetano, a posição do nosso clube no desporto da capital fazem-nos prever essa recompensa, depois de tantas dificuldades que temos sofrido com a perda do campo de S. Vicente. Felizmente contamos desde logo com a camaradagem do Oriental pondo à disposição o seu campo de Chelas. Temos vencido todos os contratempos e cá temos o Operário em posição digna no desporto, a ser grande quando é tão pequenino!

Com o basquetebol sucede o mesmo. Lutamos e dessa luta alguma coisa tem saído de admirável como brio desportivo e compostura associativa. Lá vamos até no campo da Fábrica da Pólvora fazer os nossos treinos e vemos-nos de muita contrariedade, defendendo com galhardia o nosso posto da II Divisão. Mas reconquistaremos a nossa posição, pode disso ter a certeza.

— Agradamos poder dar a conhecer a situação animosa e de franco optimismo que vemos encontrar no Operário.

Costa Almeida, depois de um muito obrigado, diz-nos:

— Pode acrescentar que apesar de tudo mantemos com todo o carinho o nosso Posto Clínic, onde o dr. Quaranta de Matos dispensa os seus cuidados nos nossos atletas e associados. E diga, em letras bem grandes, o grande e desinteressado entusiasmo dos nossos sócios, permanentemente à nossa volta com o seu magnífico apoio moral e financeiro. E Costa Almeida vinha bem esta observação apoiado por todos os seus colegas: — Sim, porque se não fossem eles, com as constantes cotas extraordinárias, o Operário não suportaria, por si só, a situação financeira que é sempre difícil.

É preciso rever a sério as nossas posições no Campeonato Nacional

Costa Almeida, aprecia depois a situação do clube tendo em vista a orgânica do futebol que ainda não está definida.

— Tudo isto é muito agradável dizer-lhe, compensa-nos de tanto trabalho e preocupação. Garantir-lhe o espírito desinteressado e o entusiasmo invulgar dos nossos jogadores, observar-lhe que contamos com todos eles sem qualquer objecção, logo que começou a época, enfim, um conjunto de casos agradáveis suavizando muita contrariedade e preocupação.

E apreciando mais largamente a situação do Operário com vista ao futebol: — Temos, porém, de encarar cuidadosamente o futuro quanto às fórmulas a adoptar nos torneios de futebol. Tal como tudo está regulamentado é uma incógnita. Vive-se na expectativa, na incerteza, sem podermos deitar contas à vista.

O que será para o ano? Tal como está, a situação não poderá servir. Mas se for igual não haverá possibilidade de nos mantermos e progredir. Já tivemos de recorrer a um empréstimo interno para acudir às despesas de futebol. Vamos consecutivamente para este campo dos empréstimos internos? Então teremos de lhe chamar cotas extraordinárias obrigatórias. E nós não gastamos com jogadores. E pergunto se por atribuir um prémio de 60 escudos a um jogador, deixamos de poder dizer que o nosso futebol é amador.

A nossa despesa de 30 contos com o futebol foi já para nós muito elevada. Urge rever e pensar bem nos casos do Campeonato Nacional da II Divisão. — Podemos no entanto contar com o Operário no Nacional da II Divisão? — Certamente. O Operário alinhará nesse torneio com o desejo enorme de prestigiar o futebol lisboeta ao nosso bairro da Graça.

Deixámos os dedicados dirigentes entregues nos seus vários assuntos associativos e abandonámos a sede do Operário, mas uma vez convictos da real importância que estes clubes representam na valorização e propagação do Desporto.

FERNANDO SÁ

Conte em imagens a graça e a vida exuberante de seus filhos, usando LUMIÈRE

O HOMEM

mais veloz do mundo

NOS jogos desportivos de Hólvuar, que se celebraram há uma semana no Equador, o corredor panameano Lloyd La Beach, já detentor do recorde mundial dos 100 metros, de sociedade com os americanos Owens, Davis e Ewell, percorreu a distância em 10,1 s., novo mínimo que val ser proposto há homologação.

La Beach, que conta 25 anos de idade, revelou-se nos jogos da América Central e, dois anos mais tarde, venceu na pista coberta de Madison uma corrida de 100 jardas em 9,5 s., o que prende a atenção do treinador James, o qual o trouxe da oficina onde trabalhava para a universidade de Wisconsin, onde pontificava. Perfeito atleta, de 1,88 m e pesando 79 quilos, o mulato do Panamá é naturalmente ágil e a sua passada atinge 2,90 m; detentor já das melhores marcas internacionais em velocidade (100m em 10,2 s., 200m em 20,2 s. e 220 j. em 20,3 s.), a sua nova proeza confirma apenas o seu prestígio de mais veloz homem do mundo.

Com efeito, os 100 metros agora percorridos em 10,1 s. correspondem à média horária de 35,640 quilómetros horários, mas quando gastou 20,3 s. para correr as 220 jardas (201,47 m.) La Beach atingiu 35,675 km. horários. Roendo assim o tempo, dactilo a dactilo de segundo, os campeões da velocidade deixam-nos antever como próxima verdade, os 10 segundos aos 100 metros, considerados outrora como utópico limite.

O progresso do recorde mundial dos 100 metros tem evoluído com regularidade: 10,6 s. em 1920, 10,3 s. em 1930, 10,2 s. em 1940, 10,1 s. em 1950. O que será daquí a dez anos?

Depois de La Beach, de Owens, Davis e Ewell já citados, a quem pertencem os melhores tempos nos 100 metros, registam-se 26 marcas de 10,3 s.: onze americanos (Tolan, Metcalfe, Peacock, Wallender, Bill Smith, Thomson, Greer, Lawler, Dillard, Patton e Stanfield); quatro alemães (Neckermann, Jonath, Borchmeyer e Scheuring); dois canadianos (Williams e Mac Phee); dois holandeses (Berger e Osendarp); dois argentinos (Marquez e Banhoff); o japonês Yoshitoka, o sueco Strandberg, Mac. Donald Bailey (Trindade), Mac Kenley (Jamaica) e o uruguaio Fayos.

SALAZAR CARREIRA

RESPONSABILIDADE A PONDERAR

O seleccionador nacional nomeado pela Federação Portuguesa de Voleibol, prof. Pereira Duarte, iniciou já a preparação da equipa que, em meados de Novembro, deve ir a Paris de fronteira a França. Jornada de grandes responsabilidades, para cujo melhor êxito é necessário reunir todos os elementos, exigindo, se preciso for, sacrifícios áqueles que sejam considerados uteis à representação nacional.

Vem-nos à memória, por similitude de circunstâncias, o rigor dos dirigentes e o entusiasmo dos jogadores quando se preparava a nossa delegação ao campeonato da Europa em 1948; uns não toleravam alheamentos, outros caprichavam em bem cumprir.

Temos a certeza que agora vai ser idêntico; a competência e autoridade do seleccionador merecem a colaboração de todos. Ele saberá reconhecer o que as circunstâncias podem atenuar e o que possa significar eliminação.

O voleibol português, mercê de muito trabalho e de excelente propaganda é considerado no estrangeiro pela sua boa classe; só assim se explica o honrosíssimo convite para irmos a Paris. É uma posição que mais aumenta o peso das responsabilidades, pela defesa da qual devem ser postos em acção todos os esforços e para cuja salvaguarda nenhuma medida se pode classificar de demasiado rigorosa.

Se houver — haverá, com certeza — empenho de todos, assiduidade aos treinos, selecção de valores actuais sem olhar a tradições; se for possível aproveitar todos os trunfos do baralho português, a missão é de encargar com relativa confiança. É possível que não ganhemos, mas perdemos bruscamente se a vitória nos não sorrir.

Entreguemos a nossa confiança ao seleccionador e aos seleccionados; demos-lhe a garantia de que com eles seguirá o apoio moral dos milhares de praticantes e adeptos da modalidade e aguardemos, na certeza de que saberão cumprir o seu dever de desportistas portugueses.

Sem preocupação pelos resultados, é tudo quanto se lhes exige.

JOSÉ DE EÇA

Operados ao menisco

Começam a ser frequentes as operações ao menisco em jogadores de futebol. No último sábado, o jogador Albano, internacional do Sporting, foi operado pelo sr. dr. João Paredes, na Ordem Terceira, decorrendo a intervenção cirúrgica em termos satisfatórios. Também já deve ter sido operado nesta altura pelo sr. dr. Magalhães o jogador António Curado, defensor da Associação Académica.

Já lá vai o tempo em que esta operação raramente era tentada, pelo receio de que não resultasse. As últimas provas a tal respeito foram coincidentes. Certo sucederá o mesmo com Albano e Curado, a quem desejamos ver prontamente nos terrenos de futebol.

SPORTING EM 1.º • PORTO EM 2.º • DOIS ADVERSÁRIOS DE CLASS



Azevedo defende num canto, vendo-se um portuense em acção de ataque, e Juvenal, todo no ar, pronto para intervir



Nelinho ataca com rapidez, mas o guarda-redes antecipa-se e defende



Azevedo mergulha aos pés do adversário e tira-lhe a bola no momento preciso



Jesus Correia acerca-se das balizas de Barrigana. A bola é-lhe arrebatada



Vasques, que realizou uma exibição estupenda, em plena acção



Barrigana, rodeado por Vasques e Virgílio, mete-se por entre as pernas de Alfredo e faz uma boa defesa, o mais protegido que é possível

Fotos: NUNES DE ALMEIDA



Juvenal, numa soberba atitude, recolhe a bola com rapidez e vai desenvolver o golpe

ATLÉTICO
vence
BRAGA
afirmando
mais
capacidade



Fotos: ROLAND OLIVEIRA

Um elemento de Braga faz um corte de jogo, elevando-se muito bem



Silva Pereira após ter marcado o 3.º tento do Atlético, vai buscar com satisfação a bola ao fundo das balizas



António Marques opõe-se com energia ao esforço de Ben David

Houve uma altura em que o Sporting concedeu dois cantos seguidos, que foram bem marcados, mas não resultaram. Os portuenses empenham-se no ataque e os sportingistas na defesa, mas Azevedo consegue resolver o difícil problema.

PARA O SEU CARR...

O jogador MARIO VICENTE

CERTAMENTE UM ESPIRITO INTERESSANTE TEM IDEIAS PRÓPRIAS SOBRE FUTEBOL

(Continuação da pág. 12)

Após a fusão dos clubes da qual parte da cidade, manteve-se fiel ao novo clube, o Oriental — a novel e popular agremiação que com trabalho aturado e persistente conseguiu com brilho ascender, esta temporada, ao Campeonato Nacional da I Divisão e que em outros ramos de actividade desportiva vem firmando posição interessante e digna dos mais rasgados êxmos. Dadas as suas limitadas possibilidades, a obra levada a efeito é das que merecem relevo por illustrar bem quanto pode a força de vontade de um clube que não desfalece e quanto maiores são os obstáculos que se lhe deparam, mais ânimo tem para os derrubar.

Fora do Continente, o atleta do Oriental esteve nos Açores durante 18 meses a prestar serviço militar obrigatório, não tendo deixado de jogar. Em toda a sua carreira desportiva que já dura há 15 anos, não conheceu outra categoria além da principal, tendo actuado em todos os postos, com excepção de guarda-redes. Lugar preferido e de que é titular na equipa: interior-esquerdo... embora se sirva indistintamente de qualquer dos pés.

Feita a apresentação de Mário Vicente, vamos saber o que disse. As perguntas e respostas sucederam-se sem esforço. As primeiras foram correntias e as segundas não demandaram grande concentração cerebral, por isso mesmo.

— Sinto-me bem no Oriental — começou, onde todos me estimam e cuja camaradagem é excelente. Quero salientar todavia, o presidente da direcção a quem devo inúmeras finças e atenções, se bem que a todos me confesse grato. Aqui acabarei a minha modesta carreira, trabalhando para o engrandecimento do clube até ao limite máximo das minhas forças. Mais duas épocas e será o fim. Arrumado o equipamento tomarei lugar na bancada, lugar comum dos grandes e pequenos que passaram pela bola, para ver o meu clube jogar e para poder admirar, com mais regularidade, os meus actuais companheiros de luta, com posição destacada pelo brilho do seu valimento.

— Quer indicar alguns — atalhámos.

— Alfredo e Pina, do meu clube, Travaços, Rogério, Jesus Correia, Castela, Azevedo, Vieira, Araújo... e tantos e tantos outros que seria um nunca acabar. Também gostei muito de ver jogar o Vasco da Gama, o Lille, os suecos, os franceses, os ingleses e espanhóis. Não me farto de ver fu-

tebol, de apreciar aqueles que são, de facto, perfeitos executantes.

— Acerca do Campeonato Nacional? — interrogamos.

— Tenho fé que conseguiremos uma boa classificação, —olveu com um ar convicto. Estamos animados desse propósito e pomos todo o empenho de assimilar e cumprir as indicações do treinador, durante os treinos, afim de se conseguir uma afinação quase perfeita do conjunto, o que ainda não possuímos. Com o decorrer do Campeonato iremos melhorando gradualmente e esperamos não consentir em nossa casa os visitantes levem a melhor. Estranhámos imenso a velocidade, a toada de jogo e o valor dos participantes da I Divisão, muito diferente da daquela em que estávamos. Mesmo assim, não baixaremos de Divisão. O clube conseguiu ascender ao lugar que ambicionava e nós cá estamos para queimar energias, com prazer, não permitindo que os ares da fortuna sofrem sentido contrário.

«Penso e não devo errar, que o Sporting vencerá. Mas a luta para o título vai ser renhida entre os deões e portuenses. A linha avançada do Sporting é uma maravilha! Quando Albano voltar, a eficiência será muito maior. O Benfica, — depois do Oriental as minhas simpatias vão para os encarnados —, recuperará mas não para alcançar o triunfo. Contudo em futebol é possível aquilo que parece impossível... O Oriental deve marcar boa posição, contando mesmo com as pugnas no campo do adversário, sempre difficilmas, até para os que têm grande experiência e estrelas nos seus quadros. A propósito: grande jogo, de lembrança imperecível, aquele que nos guindou à posição actual. Ganhamos a «O Elvas», em Santarém, por 4-3. Marquei o segundo e o quarto tento. Se actuássemos sempre assim, como seria interessante o nosso comportamento na I Divisão...»

— Recordar é viver de novo. Algumas lembranças, se faz favor, — dissemos.

com *Lumière*

não há más

FOTOGRAFIAS

— A vitória do Matrena no campeonato da II Divisão da A. F. S. é das que não esqueçamos. Foi o primeiro título. Como mais recordações cite-lhe desafios perdidos por falta de sorte e, recentemente, o empate com o Vitória de Guimarães, que podia ter sido um triunfo. Também recuo o pensamento até à altura em que recebi ensinamentos de mr. John, o melhor treinador que conheci até hoje, sem desprimôr para Alberto Augusto que também é competente e amigo dos seus jogadores.

— Preferências?
— Tenho-as, sem dúvida, pelos campos relvados onde apece estar durante muitas horas com a bola nos pés. Oxalá vá por diante a ideia da construção do Estádio da Madre de Deus. Seria um melhoramento que nos daria maiores possibilidades.

Também prefiro actuar em terrenos vastos, no género dos do Sporting ou do Estádio Nacional. Em rectângulos pequenos sinto-me acanhado, como que diminuído. Se fossem todos relvados, seria ouro sobre azul. Talvez que metesse mais golos. Até hoje já ultrapassei a casa dos cem, o que não é mau.

Gosto bastante de jogar com Pina, porque nos entendemos bem. Vamos bem lançados.

— Gostaria de ser jogador profissional? — inquirimos de chofre.

— Não senhor, foi a resposta imediata. Sou mecânico de automóveis e a minha profissão sobreleva em preferência qualquer outra. Mesmo que tivesse vinte anos e me fosse feita essa proposta não a aceitaria.

Não quero dizer com isto, que seja contrário à implantação do profissionalismo no nosso país, que dentro do meu fraco ponto de vista, não tem possibilidades de vingar. Se houvesse jogadores profissionais, então o nosso futebol seria de muito melhor qualidade e poderíamos fazer boa figura, mesmo lá fora. Também beneficiaria muitos colegas, que não pensando no futuro, se limitam a deixar andar, recebendo o subsídio do clube e passando o resto do tempo nos cafés e nos cinemas. No dia em que já não sirvam, qual será a sua vida, se não estão acostumados a trabalhar e não têm uma profissão?

— Você, que, pela sua longa permanência na liça tem acompanhado a evolução tática do jogo, de qual gosta mais? — interrogamos.

— Da actual, que favorece o jogador e torna o futebol mais positivo e eficiente. A maneira de actuar antiga, isto é, com improvisação e consoante o temperamento de cada um de nós, é já uma recordação. Quanto a mim o W M serve muito melhor o jogo e dispõe bem os praticantes.

Estas são confidências do jogador Mário Vicente, simples e despretenciosas, que pela sua voluntariedade e valor, tem merecido da critica, esta temporada, referências das mais lisonjeiras.

ACERTAR NOS RESULTADOS

A Feira Popular de Lisboa continua a prodigalizar nos adeptos do futebol a possibilidade de alguns centos de escudos, em troca de papitos certos... e de votos que habilitem o clube da simpatia maior à posse de uma valiosa Taça. E há quatro semanas que pontualmente ali se apresenta um felizardo, para receber das mãos do sr. Eduardo Caldeira o cubinho prêmio.

Há oito dias assistimos à entrega, e porque o contemplado foi nos seus tempos de emenino e moço jogador do extinto Carcavelinhos, pareceu-nos oportuno ouvi-lo acerca da «teoria», um tanto generalizada entre os prognosticadores, de que os primeiros destes concursos escolhem sempre os leigos na matéria.

A tarefa foi facilitada pela velha amizade que nos liga a Manuel Barros Carvalho, e conversámos sobre o assunto, entre o desfiar de recordações de que também foi protagonista um outro carcavelinês que nos acompanhava: o sr. Alfredo Marques, hoje prestigioso dirigente clubista.

— Que opinião tens sobre estes concursos?
— Que não deviam ser limitados a este período da Feira Popular. Acho que a organização devia cuidar de prolongá-los até ao final do Campeonato, pois creio que se canalizariam para o futebol mais algumas centenas, para não dizer milhares, de adeptos.

— Parece-te difficil vencer nesta pugna?

— Difficil, não direi. Mas difficilissimo, é! Como sabes, o resultado de um jogo de futebol está condicionado a factores de ordem vária, e ainda que a forma de cada equipa permita ajustar com relativa segurança, e antecedência, quem poderá vencer, determinado prêmio... o acertar no número exacto de golos, é como que jogar na lotaria. Foi o que me succedeu agora, e é o que succede a todos os vencedores, concerteza.

— Continuas a ser «scarola» pelo futebol?

— Quem adquirir a «doença», não se cura dela. Hoje, quanto a jogar, limito-me a preparar dois filhos para formarem uma asa esquerda do Belenenses — que é o clube da minha simpatia, como sabes. Mas cá ando metido enisto, como dirigente de um clube popular do meu bairro — Campo de Ourique. Faço o que posso... para matar saudades.

A conversa continuou ainda, num desfiar permanente de episódios ligados com a vida do ex-Carcavelinês, lembrando factos, citando nomes. Para a reportagem, porém, não interessava mais do que o que reproduzimos, por isso nos ficamos por aqui.

ROSA DE MATOS

DESPORTISTAS

BOLAS para todos es modalidades desportivas, bolas para futebol e andebol, joalheiras, caneleiras, pés elásticos, raquetes para ténis, patins de melhor procedência, todo o material para óquei em patins, e para todos os desportos

Representante da mais importante fábrica Norte-Americana de artigos desportivos

THE DRAYPER MAYNARD C.

A. M. SILVA
Rua da Betesga, 67
L I S B O A

Telefones 31313 e 31314

Pitta Castelejo

FERNANDO MADEIRA

O "nadador-completo" de 1950

A fotografia nasceu em França, o país da inteligência e da Arte.

O primeiro processo químico que permitiu registar fotograficamente a imagem dum objecto deve-se a Niepce e a Daguerre, associados na investigação. O primeiro estruturou o invento, o segundo foi o seu brilhante continuador.

Vieram depois outros. Mas a Luis Lumière — «Luz» de apelido e mago da Luz que se transforma em arte — estava reservada a maior influência na arte das imagens.

Com 19 anos, na fábrica de seu pai, perto de Lyon, aperfeiçoou de tal modo as emulsões fotográficas que a inesquecível chapa «Etiqueta Azul» obteve rapidamente fama mundial. Assim nasceu a fotografia para amadores.

Em 1894 consagrou-se inteiramente ao estudo do problema da fotografia animada. Um ano depois requereu a patente do cinematógrafo Lumière, e em 1895 fez projectar os primeiros filmes. E o Cinema é uma realidade.

Luis Lumière, sempre infatigável dedicou-se depois à fotografia a cores. E a partir de 1919 fez estudos da maior importância no campo das ciências físico-químicas.

Emfim, a 6 de Junho de 1948 a vida do grande Luis Lumière, grande em tudo, na

INSTITUIDA em 1942, pela Federação Portuguesa de Natação, a prova «nadador-completo» continua a figurar com êxito no calendário e, apesar dos «mínimos» serem ainda os de há oito anos, a interessante competição permanece rodeada de considerável dificuldade. Não é realmente nada fácil obter o título, e isto somente valoriza a prova e demonstra bem do valor e da capacidade de quem a consegue realizar com êxito.

Até 1949, a lista dos «nadadores-completos» estava assim elaborada: Alberto Azinhais dos Santos (1942); Fernando Leal (1943); Artur Mendes Silva e Luis Lopes da Conceição (1944); Eduardo

inteligência, ciência e bondade, apagava-se para sempre, depois de uma longa existência, pois nasceu em 5 de Outubro de 1864, em Besançon, inteiramente votado ao estudo e à fotografia. Recordar a data do seu nascimento é ainda um dever e um modesto preito de homenagem.

Murta Barbeiro, João Franco do Vale e Belmiro Severino dos Santos (1948) e Ezequiel Gameiro das Neves (1949).

Este ano apresentaram-se dois candidatos: Fernando Madeira e Eurico Perdigão, ambos do Sport Algés e Dafundo.

Obtendo «tempos» magníficos, Fernando Madeira conquistou o título de «nadador-completo» com inteira justiça — e inegável brilhantismo.

A sua gloriosa temporada de 1950, esmaltada de proezas valiosíssimas, fica enriquecida com mais este feito.

De facto, após a queda de vários recordes e da conquista de dois títulos individuais de campeão nacional, numa altura em que está ainda na memória e na admiração de todos o belo êxito alcançado em Sevilha — êxito que nunca é demais sublinhar e enaltecer — Fernando Madeira patenteou mais uma vez, a sua excepcional classe e a sua invulgar categoria de autêntico campeão ao arrecadar mais este título e mais este galardão — o de «nadador-completo».

Temos portanto, de 1942 a

Fez agora um ano o nosso prezado colega «Minho Desportivos», que se publica em Braga, e que é uma afirmação de jornalismo da especialidade. Apresentando-se com bom aspecto gráfico e com colaboração seleccionada, «Minho Desportivos» conseguiu interessar, marcando a sua posição no movimento desportivo do País, e conquistando merecidamente a atenção dos leitores, principalmente dos adeptos desportivos da sua região.

Como sabemos o que custa fazer virar uma publicação, muito jubilosamente assistimos à carreira brilhante do «Minho Desportivos», vencida como está a etapa mais difícil.

1950, nove «nadadores-completos».

Fernando Madeira obteve nas três corridas regulamentares as marcas seguintes: 1 m. 26 s., em bruços; 1 m. 20,1 s., em costas e 1 m. 04,3 s. em «crawl» de frente. Totalizou, pois, 3 m. 50,4 s.

O outro concorrente — o excelente e esperançoso nadador Eurico Perdigão — depois de ter corrido os 100 metros bruços em 1 m. 35 s., «tempo» portanto superior em três segundos ao máximo estabelecido, desistiu, como é lógico, de prosseguir na competição.

A temporada de 1950 — à semelhança das de 1942, 1943 e 1949 — apenas elegeu, portanto, um «nadador-completo» — Fernando Madeira que, mais do que «nadador-completo» é, em todos os aspectos, o nadador do ano.

ABREU TORRES

NOTÍCIAS, CASOS E PROBLEMAS DO XADREZ

POMAR E PEREZ EM PORTUGAL

VEM aí Arturito Pomar e o terrível Perez — respectivamente Campeão e sub-campeão de Espanha.

O Norte tem já asseguradas algumas exhibições dos dois magníficos xadrezistas da Pátria vizinha. O Sul, por enquanto, nada... Projectos, sim. Uma «simultânea» inter-equiplas, afim de fazer intervir vários clubes... e «suavizar» os encargos da organização. Pensa-se também, aproveitando a vinda dos dois mestres espanhóis, organizar um pequeno torneio internacional, no Estoril. Mas a ideia só irá por diante se o Casino patrociná-la a prova.

Escusado será salientar os benefícios que esta competição traria ao xadrez lusitano...

★

Principiou ontem a época oficial do xadrez desportivo. O Torneio da Categoria de Honra, ao qual podem concorrer todos os jogadores da 1.ª categoria filiados na Associação de Xadrez do Sul, inaugura a temporada. Simultaneamente, disputar-se-ão em todos os clubes federados os Torneios do 3.ª categoria. Todas estas provas devem estar terminadas quando o ano findar.

Depois seguem-se os campeonatos districtais da 3.ª e 2.ª categorias, os torneios de 2.ª e 1.ª categorias dos clubes, o torneio dos Mestres e por fim o «derby» do xadrez lisboeta: o Campeonato Inter-clubes. Se a época correr nas mesmas águas da anterior, não haverá motivo para lamúrias. Salvo no tocante ao Campeonato Nacional, evidentemente...

Quando voltaremos a ter um Campeonato de xadrez de Portugal? Ninguém sabe responder. As culpas pertencem aos dirigentes, claro. Mas onde estão os dirigentes do xadrez?

Volta a falar-se de que a situação vai modificar-se, que vamos ter a, há muito desejada, legalização do «leme federativo». Eis a mais imperiosa necessidade da modalidade!

★

Acabamos de receber notícias da Olimpíada do xadrez — a primeira depois da Guerra. Disputou-se na Jugoslávia e participaram 16 países.

Eis a classificação:
1.º Jugoslávia, 45,5; 2.º Argentina, 43,5; 3.º Alemanha, 40,5; 4.º Estados Unidos, 40; 5.º Holanda, 37; 6.º Bélgica, 32; 7.º Áustria, 31,5; 8.º Chile, 30,5; 9.º França, 28,5; 10.º Finlândia, 28; 11.º Suécia, 27,5; 12.º Itália, 25; 13.º Dinamarca, 22; 14.º Perú, 21,5; 15.º Noruega, 15; 16.º Grécia, 12.

Resultados normais. O triunfo dos jugoslavos era esperado. Possuem jovens com habilidade excepcional. A recuperação dos alemães é notável. Esperava-se mais dos americanos, dos suecos e dos italianos. A Rússia e os seus países-satélites primaram pela ausência.

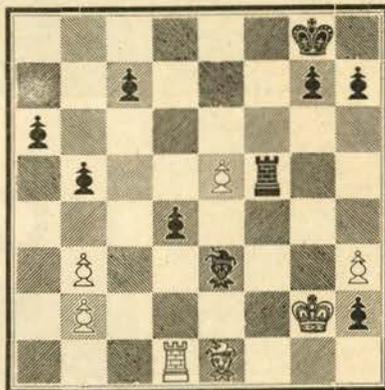
★

Outra olimpíada que nos interessa é a que está travando-se por correspondência, e na qual os portugueses concorrem também, depois dum triunfo brilhante na eliminatória.

Embora não haja um conhecimento exacto de todos os resultados, supõe-se

MAIS UMA VITÓRIA PROVÁVEL PARA AS NOSSAS CORES

Negras Vinagre (Portugal)



Brancas Pinzon (Perú)

Jogam as brancas...

que a equipa portuguesa esteja à frente da classificação geral, visto ser a que tem mais partidas acabadas.

Obtivemos até aqui 6 vitórias, 4 derrotas e 11 empates, ou seja 11 pontos e meio. Os antigos campeões nacionais drs. A. M. Pires e Mário Machado, conseguiram já 3 pontos cada, e sem derrota alguma.

A nossa posição contra os diversos países adversários: 2 vitórias e 3 empates contra a Checoslováquia; 2 vitórias, 2 derrotas e 1 empate contra a Suécia; contra o Perú e Argentina, 1 vitória, 2 empates e 2 derrotas e 3 empates com a Itália. O «match» com a Hungria principiou depois. Há ano e meio que a prova se está disputando...

Fala Mário Vicente

NÃO vamos apresentar um novo que despoleta, nem uma figura do passado que foi alguém na bola. O jogador que nos confidenciou alguns passos da sua carreira, — os costumes nestas entrevistas rápidas que têm sempre particular sabor pela espontaneidade de que se revestem — é já um praticante de há longos anos mas cuja popularidade ficou circunscrita no meio baillrista. Tem participado em centenas de desafios dando lugar à propensão que desde muito cedo o arrastou para os campos de futebol, entregando-se à luta com alegria porque pontapear o esférico o encanta e seduz.

Não sendo um idolo das multidões, é querido, estimado e popular entre a massa associativa do seu clube e disfruta das gerais simpatias entre os camaradas, que lhe reconhecem, a par da proverbial modestia, qualidades morais sólidas e comportamento exemplar. Em representação do Clube Oriental de Lisboa, vem dando um magnífico exemplo de tenacidade e dedicação, sempre no seu posto, apto a servir como se tornar mais aconselhável. Um exemplo vivo para os mais novos!

Mário António do Carmo Vicente, nasceu na Amadora em 21 de Abril de 1921, Tem, portanto, 29 anos. Não é um novo, mas também não é um velho. Tem à sua frente ainda mais alguns anos, porque a condição física é excelente e o fôlego inesgotável, a ponto de lhe dizerem a miúdo, em ar de graça: Tens fôlego de gato...

Passado aquele período inicial em que tudo serve para dar pontapé... e para romper as botas e sapatos, aí por volta dos 14 anos passou a fazer parte da equipa do clube de Futebol Estrela da Amadora, agremiação popular, ao tempo, — hoje, disputa o campeonato da III Divisão da A. F. L. — tendo disputado variados encontros particulares. Só aos 16 começou a alinhar em desafios oficiais, mas com uma camisola diferente a do Matrena (da fábrica de papel do mesmo nome). Depois do Campeonato da Zona do Ribatejo em que a turma conquistou regular classificação averbou o seu primeiro título de campeão com o triunfo obtido no Campeonato da II Divisão da Associação de Futebol de Santarém. Dois anos volvidos ingressou no Clube de Futebol Benfica onde se manteve até aos 21 anos, altura em que mais uma vez, mudou de agremiação para se fixar no desaparecido Marvilense.

(Continua na pág. 10)



Mário Vicente — interior-esquerdo do Oriental

Boavista 2-Oriental 2

Fotos: HERMANN



Um golo do empate do Boavista. Graça sofrendo carga irregular — estaleira-se dentro das redes e Serafim atira ao golo



Especialmente no segundo tempo o encontro revestiu-se de grande entusiasmo. Esta fase o atesta com Barros e Casimiro em evidência



Um ataque bem delineado pelos azulezados foi repellido com energia pela defesa do Oriental

NO PORTO



O jogador de andebol Inácio, de L. U. Liquid, abandona a prática do desporto. Por esse motivo foi-lhe prestada significativa homenagem



Manuel José Matos Gil o vencedor da prova de pericia e condução de automóveis



Graça lança-se com êxito a um remate do Boavista



Novamente Graça defende — mantendo quanto pôde o empate 1 a 1

TUDO MAIS BARATO

— TACAS E EMBLEMAS —

— DE TODOS OS CLUBES —

OURO, PRATAS E JOIAS

SÓ NA OURIVESARIA

MIGUEL A. FRAGA, L. DA

LARGO MARTIM MONIZ, LOJA 18.

(PAVILHÃO DOS OURIVES)

BELENENSES

perde fora de casa



Eis o 2.º golo da Vitória de Guimarães! Mota não esconde a sua alegria e Sérgio revela a sua tristeza



Fotos: BENIGNO CRUZ



Rebello, todo impulsivo, atacou com ganas no final da partida. Nada conseguiu, porém



A bola vem por alto!

Feliciano afasta o perigo com um vistoso golpe de cabeça

Boa defesa de Silva, guarda-redes de Guimarães



Iuarte e Alberto estão numa posição curiosa, e ambos tentam o golpe de cabeça

Macedo acaba de rematar forte, mas ainda não se convenceu de que a defesa já está realizada



ACADÉMICA

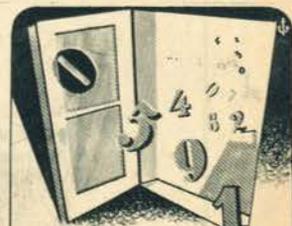
é um grande valor
no ESTÁDIO DE COIMBRA

Fotos: DAVID



E a Académica marca a terceira bola e consolida o seu triunfo

Capela executa uma bela defesa por alto



Liga o seu palpite...

LOGUENA A CASA
CAMPIÃO

RUA DO AMPARO, 116 - PRACA DO ARIEIRO, 5-A

LISBOA

na capital O NORTE

CURIOSIDADES...

O novo treinador do F. C. do Porto, Vogel, pensa modificar a linha avançada dos azues brancos. Com a entrada de Nelinho na equipa, sem dúvida alguma um habilidoso, e a presença de Araújo — Vogel lançou já os seus olhares para José Maria, elemento que deve ser aproveitado cuidadosamente.

Mas em que lugar? Nelinho e Araújo, são interiores; José Maria, também. Pois talvez o Candaleuse possa fixar-se a avançado-centro ou extremo — quem sabe? Vogel continua a observar...

Há quem não tenha que fazer ou engenho. Capazes de tudo, os boateiros vivem para embaraçar muitas vezes a vida dos clubes e lançar a confusão no espirito do público.

Ainda agora se viu isso nos jornais, em poucos felizmente, quando houver a lembrança de se dizer que Albano era coisa certa no F. C. do Porto! Não faltou logo a seguir que o irrequitado rapaz do Seixal já estava a trabalhar no Porto!

Os fantasistas são médicos, atrevidos, sendo, apenas, de lamentar que pessoas responsáveis não fliressem cuidadosamente o seu «trabalho» audacioso.

O Académico F. C. continua a ter confiança absoluta no elixir que se chama «amadorismo». Nós não somos contra ele, mas julgamos o popular clube do Lima demasiadamente só para conquistar os louros devidos à sua admirável boa vontade.

Claro que arranjar equipa amadora «para perder sempre», ou quase sempre, pode atenuar os efeitos do pensamento generalizado entre os adeptos académicos.

— Perdemos? Mas se somos amadores, pouco importa... Estará bem assim um ano, talvez dois. Mas se as coisas

não mudam de feição, até o perder como amador custará bastante...

Entretanto, mesmo considerando arrojada a ideia académica, desejamos-lhe o progresso e a serenidade.

O Salgueiros vai pagar uma dívida de gratidão para com o engenheiro Vidal Pinheiro, recentemente falecido. O popular clube chamou já a atenção dos seus sócios para esse dever, e dentro de pouco tempo aparecerá por certo o seu busto, no campo de Augusto Lessa.

Há quem suponha que a próxima «Volta a Portugal» deva ser organizada com estrondo e novidade. Podemos garantir, porém, que há ainda muita fantasia em volta do caso, ou do boato. Ainda é cedo para qualquer afirmação arrojada...

Causou regosijo nesta cidade o resultado da última inspecção médica ao «Internacional» António Araújo. Depois da sua exibição contra o Benfica, «todo o mundo» gostou do resultado do exame.

Sabe-se que Araújo, entretanto, continuará submetido a especial vigilância, embora a prazo mais longo. Isto será garantir, naturalmente, que o excelente jogador do F. C. Porto está mais ou menos apto para a prática activa do futebol.

Ainda bem. Araújo deixou tal impressão no espirito do público, que seria doloroso o seu afastamento.

Principlou a disputar-se, no penúltimo domingo, um torneio oficial de andebol. Pouco poderá dizer-se, é bem verdade, sobre o valor das equipas concorrentes — poucas por sinal. Mas pelo que se viu e anotou, é facil supor que mais uma vez veremos o F. C. do Porto no cimo da tabela da classificação. Para não fugir ao costume...

SABER ESPERAR continua a ser virtude...

A Comissão Administrativa do Futebol Clube do Porto, que numa hora de gravidade foi chamada a dirigir os destinos do popular organismo desportivo da Capital do Norte, tem sido digna dos melhores elogios da sua massa associativa. As coisas ligadas ao clube andavam mal encaminhadas, como a seu tempo dissemos nas colunas de «Stadium», a despeito dos desmentidos que no jornal «O Porto», órgão da colectividade, por essa altura tiveram lugar destacado.

Suportamos então com muita paciência a série de picadelas que tal sector pretendia «jogar» contra nós; e fomos preparando a «resposta» com as «provas» que breve serão apreciadas pela Comissão Administrativa do F. C. do Porto, pois a campanha externa só magoará os amigos da colectividade; e aguardamos o momento presente...

Havia de fazer-se justiça. Os «alcatruzes não param», escrevemos há tempos. E é que não param mesmo! Agora o verificamos através da leitura do jornal do F. C. do Porto, que no seu número 60 de 3 de Outubro corrente publica um comunicado da Comissão Administrativa que não resistimos a transcrever mais abaixo.

O leitor verá se «havia ou não havia» qualquer razão especial a orientar os nossos comentários na Revista «Stadium». E se esta «explicação necessária e merecida à massa associativa do Futebol Clube do Porto» colabora ou não com as críticas sérias e justas, aqui publicadas na devida oportunidade.

E para que muitos olhos possam abrir-se, transcrevemos já o comunicado da Comissão Administrativa do F. C. do Porto, datado em 2 de Outubro corrente:

«A verificação de factos muito lamentáveis em que vimos encontrar a vida administrativa e financeira do nosso querido clube, levou esta Comissão Administrativa a ter que empregar, ao serviço da colectividade, as mais energicas medidas ao seu alcance, para bem poder cumprir a missão espinhossissima que lhe foi confiada pela massa associativa.

Como, porém, o tempo de que dispõe — por demasiadamente escasso, para solver responsabilidades de inadivél solução — não lhe permite encontrar tão depressa quanto os compromissos legados o exigem, os meios necessários para poder marcar — como ardentemente o desejamos — o indispensável prestigio do clube, vêm-nos forçados, bem contra a nossa vontade, a ter que recorrer à generosa e sempre dedicadissima massa associativa, no sentido de nos ser permitido cobrar as suas entradas, no próximo jogo Futebol Clube do Porto-Sport Lisboa e Benfica.

É, acreditim, verdadeiramente constrangidos, que embora ao abrigo de disposições em vigor que permitem cobrar dos associados as suas entradas em dois jogos à escolha dos dirigentes do clube, nos vemos forçados a recorrer a estas medidas de excepção, só possíveis pela gravidade do momento que estamos a passar e a que, dentro de muito pouco tempo, daremos a conhecer em Assembleia Geral expressamente convocada para esse fim e na qual a massa associativa poderá apreciar então, dos momentosos problemas que afligem a colectividade e das razões que levam esta Comissão Administrativa a apelar para mais um sacrificio — a juntar aos muitos já suportados pelos seus associados — certos, como ficamos, de que estes farão a justiça de bem compreender dos nossos propósitos e das nossas intenções, em procurar debelar crises e situações que a nós não nos permitem, mas que o bom nome do clube exige reparar primeiro e julgar depois, das responsabilidades que a cada um couberem.

Julgamos que o leitor não precisará de mais palavras. Pela nossa parte, consideramo-nos de consciência tranquilla, acreditando mesmo que prestamos mais um serviço ao F. C. do Porto, a despeito do apodo de «amigo dos diabos» que pretenderam cuspir-nos na face. Amigos dos diabos sabemos nós muito bem onde eles estão e porque estão. Mas podem viver descansados: — não lhe invejamos a sorte nem o lugar.

Agora, importa saber que o F. C. do Porto está bem timonado por uma Comissão Administrativa a que não falta prestigio e autoridade. E' isso que conta, afinal...

RODRIGUES TELES

FEIRA POPULAR

POSIÇÃO DOS CLUBES NA VOTAÇÃO DA «TAÇA POPULAR»
EM 9 DE OUTUBRO

Benfica	12.094	V. Setúbal	263
Sporting	9.212	Oriental	183
Belenenses	1.659	Estoril	102
Académica	1.163	Braga	66
F. C. do Porto	619	Olhanense	62
Covilhã	492	Boavista	51
Atlético	365	V. Guimarães	47

DÊ AOS POBRES VOTANDO NO SEU CLUBE

NOTA DA SEMANA

O atleta francês Bally, campeão europeu de velocidade pura e especialista dos 100 metros, realizou na semana passada uma proeza que pode classificar-se como sensacional.

Competindo contra vários ases do meio-fundo, em particular Marcel Hansenne e Bellegarde, numa prova clássica de 800 metros, cortou a meta à frente desses experientados rivais, no magnífico tempo de 1 minuto 54,7 segundos, equivalente à cota de 926 pontos na tabela finlandesa de mérito comparado.

Embora não haja demarcação rigorosa entre o meio-fundo e a velocidade pura, pois entre esta e aquela existem distâncias de características mistas, a dificuldade de adaptação rápida ou a capacidade de brilhar simultaneamente em corridas de 100 e 800 metros estava além das actuais concepções, que subordinam os atletas à mais estreita especialização possível.

Bally, vencedor sistemático da centena de metros em 10,5 segundos, pode acerrar-se de tempos admiráveis até à meia-milha, invadindo domínios inaccessíveis, aos melhores velocistas de sempre.

É uma autêntica heresia. Impõe-se a revisão de ritos e crenças (no sentido figurado, evidentemente) que se implantaram no meio dos desportos atléticos como símbolos de ortodoxia.

E, para cúmulo, registre o leitor semi-erudito o lugar onde Bally se manifestou hereje: a cidade de Albi, ao sul da França, foco do cisma religioso entre as doutrinas do Papado e as crenças da metempsicose, trazidas da Ásia.

Coincidência mais extraordinária parece-nos impossível e aguardamos, cheios de interesse, o conflito erguido em redor da façanha do corredor lionês. Não-de chocar-se opiniões, cheias de azedume, como outrora e, talvez, um novo Simão de Monforte assalte os bastiões dos novos apóstolos.

Provavelmente, o leitor escolhe uma atitude de indiferença ante o desafio que Bally lançou aos homens do meio-fundo. Nós, que somos medularmente frontistas, apaixonados pelos choques de ideias, rejubilamos com o acontecimento, julgando provável um espectáculo teatral de grande envergadura.

O domínio dos corredores de velocidade estende-se cada vez mais, conforme os Harbig, os Mac Kenley e outros denunciaram em devido tempo. Os puro-sangue das corridas ambicionam destituir os trotadores, esta é a verdade que se vislumbra.

ALGUNS resultados dos desafios de futebol da última semana foram singularmente copiosos. Por exemplo, em Espanha, o Atlético de Madrid ganhou ao Santander por nove tentos a um; o Gijon premiou a turma de Torrelavega com 7 a 2; Albacete bateu o guardião das redes do Ceuta seis vezes sem resposta e o Atlético de Bilbao aplicou ao Celta, de Vigo, nove golos encaixando quatro. Em Viena de Austria, no encontro internacional disputado pela selecção do país contra a Suedslavia, aquela venceu por 7 a 2; em Portugal, o Atlético saiu vencedor da Académica de Coimbra, por meia dúzia a um e em Oslo, uma equipa de clube, Spartak de Moscóvia, dominou outra, dinamarquesa, por sete a um.

Estamos longe de formular quaisquer conclusões genéricas, a respeito deste corrilho de tentos. Quando muito, trata-se de uma coincidência, agradável aos amadores de estatística, mas também pode supor-se que se aprimoraram os meios de ataque em detrimento dos métodos de defesa.

A afinação das linhas dianteiras dos grupos de futebol, tornando-as regularmente eficazes, é o desejo máximo dos preparadores. Nos últimos anos, o sistema de marcação cerrada reduziu algo a produção de tentos, que é o maior factor de entusiasmo popular.

No entanto, cremos este quadro de abundância golista meramente fortuito e se a esse nos referimos é pela raridade. Mas, a derrocada dos sudoslavos, cuja folha de serviços em pugnas internacionais permite incluí-los entre os grandes da bola redonda, tem sabor muito diverso.

A Austria está iniciando uma renascença pujante. Desde Novembro de 1949, ao bater os sudoslavos, em Belgrado, por 5 a 2, não consentiu a derrota. Empatou com os suíços, no mês de Março, por 3-3, bateu a Itália em Abril, pela diferença mínima, dominou a Hungria pelo score de 5-3 e agora deu uma lição aos compatriotas do Marechal Tito.

Cabe perguntar: Que teriam conseguido os pupilos de Hugo Meisl, caso se tivessem deslocado ao Rio de Janeiro?

A ascensão dos austríacos, cuja intuição para o jogo da bola redonda é universalmente conhecida, parece um facto irrefutável. O predomínio sobre as nações da Europa Central e Balcánicas — se bem que pese a checos e italianos — constitui um belo acontecimento, que ilustra os vienenses, colocando-os ao par dos melhores futebolistas da actualidade.

RAFAEL BARRADAS

Verifique, por experiência própria, a qualidade das películas LUMIÈRE

desportiva
a vida
POR ESSE MUNDO FORA

Atletismo

Ao encerrar a época de verão, os desportos atléticos na Europa pugnarão por fazê-lo apoteoticamente. A equipa da Bélgica deslocou-se até ao Próximo Oriente, batendo a Grécia e a Turquia, em encontros que foram disputados em Atenas e Ankara, com a presença de extraordinário público.

Em Atenas ganharam por 101 pts. a 80; em Ankara os turcos sucumbiram por 79 a 77.

Em Milão (Itália) houve um torneio de carácter internacional, que compreendeu alemães e austríacos. Armando Filuput, campeão da Europa e de Itália, de barreiras, melhorou o recorde mundial das 440 jardas fazendo 51,9 segundos, e igualou o tempo europeu dos 400 metros, com 51,6.

Outro italiano, o lançador de martelo Taddia, atirou o engenho a 59,17 metros, novo recorde nacional, e um dos melhores resultados mundiais.

Os atletas alemães Geister e Haas, classificaram-se nos dois primeiros postos na prova de 400 metros planos, com 47,4 seg. e 47,5, respectivamente. Também o germânico Pilheimer ganhou os 800 em 1 m. 51,9 seg. e o conhecido lançador, Consolini, arremessou o disco à distância de 54,65 metros, à frente de Tosi, que atingiu 52,79.

Zatopek falhou na tentativa de ultrapassar o tempo de Gundar Haegz, nos 5000 metros. Correndo em Praga, conseguiu, apenas, 14 minutos 16,3 segundos, excedendo o recorde mundial de dezito segundos exactos.

Em Albi, o velocista francês Bally igualou o tempo mínimo nacional dos 100 metros (10,5 seg.) e depois bateu os melhores meio-fundistas do seu país: Hansenne, Jacques Vernier e Bellegarde, ganhando os 800 metros em 1 m. 54,7 segundos.

O velocista panamense Lloyd La Beach, detentor do recorde mundial de 200 metros e de 229 jardas, ganhou a corrida de 100 metros dos Jogos de Bolivar, no tempo sensacional de 10,1 seg. A prova realizou-se em Guayaquil, na República do Equador.

Ciclismo

Fausto Coppi, restabelecido do desastre que sofreu há algum tempo, regressou às competições. Em Esvonni (Itália) triunfou numa corrida individual de 80 quilómetros, batendo Teruzzi, Pasotti, Milano, E. Leonl, etc.

A Coppa Bernacchi, velha de 32 anos, disputou-se uma vez mais na distância de 237 quilómetros. A partida e a chegada tiveram lugar em Legnano, e ao cabo de um sprint cerrado, Fiorenzo Crippa bateu Alfredo Martini, por meio metro, em 6 h. 30 m. 56 seg.

Um match entre ciclistas suíços e italianos celebrado na pista Oerlikon, de Zurique, coube aos primeiros, por 4 vitórias (velocidade, quilómetro contra-relógio, individual de 4 quilómetros e meio-fundo) contra 2.

Hipismo

Na presença de inumerável multião, disputou-se em Longchamp o clássico Prémio do Arco do Triunfo, dotado de 25 milhões de francos para o cavalo vencedor.

A cadelaria Boussac era a favorita. Três imponentes puro-sangues — o vencedor da Coronation Cup, de 1949; o vencedor do St. Léger e de Doncaster Schatch e «Astella», belo exemplar hipico — podiam obter o primeiro posto mas «Tautièmes» de Mr. Dupré, «Aliziers» de Mr. Palmer e «L'Amirals», chegaram nos três primeiros lugares, contrariando todos os prognósticos.

Boxe

Depois de um prólogo calmo e prudente, o campeão de França de emínicos, Honorato Pratesi, atacou rudemente o aspirante, Luis Skena, no decorrer do combate disputado em Paris, mas viu as suas tentativas perderem-se irremediavelmente.

Skena, brilhante esgrimista, registou uma vitória por pontos e apoderou-se do campeonato, no termo dos 15 assaltos concertados.

Em Berne (Suíça) o peso elevíssimo helvético, Buhler bateu El Houacine, jogador de Marrocos.

Em Verona, Alvaro Nuvaloni ascendeu no cargo de campeão de Itália de «levíssimos», derrotando Falcinelli, por pontos, em 12 rounds.

Nos Estados Unidos, Rocky Graziano, antigo campeão do Mundo de eméios reapareceu em Chicago. Oposto a Gene Burton, pô-lo fora de combate no 7.º assalto.

Em Milwaukee, o campeão mundial de «leves» Ike Williams, sofreu uma derrota por pontos inesperados, ante Joe Miceil, cujos créditos, até agora, não eram conhecidos. O título continua em poder de Williams, pois não fora posto à disputa.

Em Honolulu (Hawaii), o negro Beau Jack derrotou Philip Kim, jogador local, alcançando a decisão do árbitro, ao 10.º assalto.

Está marcado para o dia 29 deste mês o encontro entre Rolando La Starza e o italiano Duilio Spagnolo. Estes dois pesos-pesados combaterão na Arena de S. Nicolau, em Nova Iorque.

Pierre-Montagn, campeão de França de pesos «leves», ganhou ao jovem pugilista Jacques Deshay, grande rival de Edgard Delagout, um combate em dez assaltos, efectuado em Paris.

Futebol

Ao cabo de onze desafios, a contar para o Campeonato da Liga Inglesa, o Middles e o Arsenal vão à frente da classificação, em igualdade de pontos. O Manchester United e o Newcastle seguem-nos a 1 ponto de diferença.

Na cauda da lista figuram alguns clubes de grandes tradições, como Aston Villa, Sunderland, Sheffield Wednesday, Chelsea e Everton. Isto não impedia que os primeiros aplicassem ao leader, Newcastle, uma marcada derrota em Birmingham.

Na Itália, Milão e Bolonha seguem a par, com 10 pontos, perseguidos pelo Interacional (9), Juventus (8), Como e Lazio (7), etc.

A derrota de Roma pelo Juventus, com 7-2, embora não surpreendesse, é de sublinhar pelo volume de tentos.

A frente do campeonato da Suíça, estão o F. C. Bienne e Servette, com 7 pontos. A disputa do terceiro posto é cerrada, com o F. C. Bâle, Young Fellows, A. C. Bellinzona e F. C. Zurique (6 pts.) ao mesmo nível.

Decorridas as oito jornadas do campeonato de França, o Strasburgo predomina, com 14 pts., sobre o resto, pelo Interacional (9), Rennes (12), Reims (11), Lille e Racing (10), etc.

A actual classificação do Campeonato da Bélgica, ao fim da 6.ª jornada, é como se indica: 1.º Racing C. Bruzellas (10 pts.); 2.º F. C. Malinois e F. C. Liegeois (9 pts.); S. C. Anderlecht e R. C. Malin (8 pts.); Antuérpia e Standard C. L. (7).

MEDALHAS

Emblemas e prémios de arte para todos os desportos
HELDER CUNHA
Fabricante

R. Correioes, 140-4.º - Tel. 21124
LISBOA

No Estádio Alvalade

Operário Futebol Clube



Um aspecto das corridas de ciclismo levadas a efeito pelo Sporting no último sábado



O grupo de honra do Operário Futebol Clube que está a desempenhar um bom papel no Campeonato da Segunda Divisão

(Vide Reportagem sobre o Clube na página 6)

Natação no Belenenses



Actualidades DESPORTIVAS

No tanque do Jardim Colonial, que tem servido magnificamente para treino e aprendizagem dos nadadores belenenses, efectuou-se na manhã do último domingo a disputa da taça «Luís Carlos Reis». Concorreram nadadores do Belenenses, Nacional de Natação e Clube Naval. O Belenenses conquistou o troféu.

Hoquei em Patins



A equipa do Clube Infante de Sagres que ganhou o Campeonato Regional do Porto, vencendo o Académico, na final, em dois encontros

Homenagem a ARMANDO FERREIRA



Armando Ferreira, jogador leonino, foi homenageado num almoço
(Ver notícia na página 3)

Um exercício do Campeão



Charles descobriu um método novo de aguçar a pontaria dos punhos, exercitando-se no tiro ao arco. Aqui o observamos, numa indumentária de mendigo, antes de lançar a flecha. Os adversários que venham, mas tenham cautela!

Provas de bicicletas com motor



Em cima, os participantes na prova disputada no Porto. Ao lado, um trecho das finais das corridas disputadas no Estádio Alvalade

